



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS PROFESSOR BARROS ARAÚJO
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO**



REBECA DA SILVA SANTOS DIAS

**A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO PARQUE NACIONAL SERRA DA
CAPIVARA EM TELA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE GLOBO
REPÓRTER E JORNAL DA RECORD**

Picos (PI),
2025

REBECA DA SILVA SANTOS DIAS

**A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO PARQUE NACIONAL SERRA DA
CAPIVARA EM TELA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE GLOBO
REPÓRTER E JORNAL DA RECORD**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual do Piauí, Campus Professor
Barros Araújo como requisito para aprovação na
disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II
(TCC II), do curso de Jornalismo

Orientador (a): Prof. Me Thamyres Sousa de
Oliveira

Picos (PI),

2025

REBECA DA SILVA SANTOS DIAS

**A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO PARQUE NACIONAL SERRA DA
CAPIVARA EM TELA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE GLOBO
REPÓRTER E JORNAL DA RECORD**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual do Piauí, Campus Professor
Barros Araújo como requisito para aprovação na
disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II
(TCC II), do curso de Jornalismo

Orientador (a): Prof. Me Thamyres Sousa de
Oliveira

Aprovado em dia/mês/ano

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Thamyres Sousa de Oliveira
Universidade Estadual do Piauí

Profa. Dra. Jaqueline da Silva Torres Cardoso
Universidade Estadual do Piauí

Prof. Me. Flavio Menezes Santana
Universidade Estadual do Piauí

Picos (PI),
2025

AGRADECIMENTOS

Como Belchior disse uma vez: “há tempo, muito tempo que estou longe de casa.” Esta foi uma das inúmeras letras nas quais me apeguei nestes anos como estudante. Anos felizes, difíceis, animados, desafiadores, mas, acima de tudo, anos de muito aprendizado. Eu aprendi e reaprendi a ser estudante, a me reinventar diante das dificuldades, e, principalmente, aprendi a ser humana, com todas as minhas dores e descobertas.

Meu maior e mais profundo agradecimento vai para o meu Deus. Sem o seu sustento, eu não teria conseguido. Nos domingos solitários em que chorei, nas noites em que me senti pequena diante de tudo, na rotina cansativa e nos momentos em que quase duvidei de mim, foi o meu Senhor que me segurou firme, que me fortaleceu em silêncio, que me lembrou quem eu sou. Ele esteve também nas vitórias, nas alegrias, nos sorrisos que escapavam depois de tanto esforço. Esteve comigo me dizendo que perseverar vale a pena e que a fé pode nos levar além do que nossos olhos enxergam. Toda honra, toda glória, toda gratidão ao Deus que me manteve de pé.

Agradeço em segundo lugar aos meus pais amados, Socorro e Marcílio. Não tenho palavras suficientes para descrever o quanto o apoio de vocês foi meu porto seguro. Em nenhum momento ouvi de vocês que meus sonhos eram grandes demais. Pelo contrário, sempre me disseram que eu era capaz. Mainha, obrigada por cada vez que me segurou quando eu quis desistir, por cada palavra que curou o medo. “Deus sabe a hora certa pra tudo” foi isso que uma vez você me disse, e ele realmente sabe. Painho, obrigada pela confiança silenciosa, pelo amor incondicional. Amo vocês com toda a minha alma.

À minha família, com carinho especial para minha avó Iraci: o que mais sentia falta era dos cafés da tarde na sua calçada. Cada lembrança sua me acompanhou nos dias difíceis e me lembrou quem eu sou e de onde venho. Obrigada por tudo, vó.

À minha amiga Nathiely e à sua família, em especial minha madrinha Luciana, meu mais sincero obrigada. Vocês me acolheram, me amaram e me deram estrutura para seguir em frente, quando tudo parecia pesado demais. Aqui eu sempre tive um lar e nunca esquecerei isso. Que Deus devolva em bênçãos tudo o que vocês fizeram e ainda fazem por mim.

Aos meus amigos “de guerra” Ana Vanessa, Alisson, Josi e Davi. Vocês foram minha fortaleza! Tornaram a rotina mais leve, as lutas mais suportáveis e os dias mais bonitos. Obrigada por cada conselho, por cada abraço, por me ouvirem e depois me fazerem rir. Vocês são para sempre parte do que eu sou.

Um agradecimento carinhoso ao meu namorado João Pedro. Você foi pilar, afeto e companhia em tantas horas difíceis. Obrigada por segurar minha mão, por acreditar em mim quando eu mesma duvidei. Alguns momentos não foram fáceis, mas você seguiu firme ao meu lado, gratidão por tudo.

Às minhas companheiras de apartamento Dayanne, Amanda e Ludymila, que privilégio dividir a vida com vocês. Cresci tanto ao lado de vocês. No nosso “ap” vivemos intensamente: partilhamos lágrimas, risos, silêncios e planos. Obrigada por serem abrigo e espelho em tantos momentos.

A todos os meus professores e professoras: vocês são eternos mestres na minha caminhada. Cada um deixou sua marca em mim. Serei sempre grata por ter aprendido com vocês. Um agradecimento especial à minha orientadora e fada do jornalismo, Thamyres. Sua paciência, sensibilidade, compreensão e dedicação me trouxeram até aqui. Muito obrigada.

Eu poderia me estender por páginas agradecendo a cada pessoa que, de alguma forma, se fez presente durante essa caminhada. Cada gesto, cada palavra de incentivo, cada presença fez a diferença.

Encerrando esse ciclo com o coração cheio de gratidão, me despeço desta etapa com a certeza de que a Universidade Estadual do Piauí não apenas me formou profissionalmente, mas me moldou como pessoa. Hoje, sigo com a alma transformada, com a cabeça erguida e com um amor profundo por tudo que vivi. Obrigada.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, pelo amor incondicional e pela base sólida que me sustentou em cada etapa desta caminhada. Aos amigos e professores que, com palavras, escuta e presença, me ajudaram a seguir firme mesmo nos dias mais difíceis. E a todas as mulheres que, como eu, persistem em transformar o conhecimento em força e voz.

RESUMO

O Parque Nacional Serra da Capivara, localizado no sertão do estado do Piauí, é um dos mais relevantes patrimônios arqueológicos do mundo e foi reconhecido como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO em 1991. Sua importância histórica, ambiental e cultural tem sido retratada em diversos veículos jornalísticos, que contribuem para a construção da memória coletiva sobre o local. Este trabalho tem como objetivo geral analisar como os programas Jornal da Record e Globo Repórter contribuem para a construção de memórias do Parque Nacional Serra da Capivara. Nos objetivos específicos buscamos: investigar quais "senhores de memória" são convocados nas reportagens para tratar sobre o Parque Nacional Serra da Capivara; analisar o tempo de tela dedicado às reportagens em relação à duração total dos telejornais, como indicador da relevância atribuída ao tema e examinar o papel das abordagens jornalísticas adotadas pelos dois programas na formação de opiniões e atitudes em relação à Serra da Capivara e à região circundante. A pesquisa é qualitativa e utiliza análise de conteúdo de reportagens selecionadas, fundamentada em Bardin (2016) e Herscovitz (2007). Também foi aplicada a pesquisa documental, considerando os conteúdos telejornalísticos como fontes primárias. O referencial teórico baseia-se em autores como Halbwachs (1968), Pollak (1989), Nora (1993), Ferreira (2016), Ferreira (2022) e Vizeu (2009), que discutem memória, jornalismo e telejornalismo. Os resultados mostram que o Jornal da Record prioriza fontes institucionais e especializadas, com ênfase nas dimensões turística, científica e econômica, enquanto o Globo Repórter dá destaque a vozes populares e afetivas, ligadas ao cotidiano e à biodiversidade, com menor foco no valor arqueológico. Conclui-se que ambos os programas contribuem para a construção de memórias sobre o Parque Nacional Serra da Capivara com abordagens distintas, que moldam diferentes visões sobre sua importância histórica e cultural, mas sentimos necessidade de aprofundamento. Além disso, a análise revelou que o telejornalismo que noticia o parque ainda não prioriza satisfatoriamente narrativas que incluam vozes ausentes e pouco fomenta debates que ultrapassam a superfície do turismo e da ciência.

Palavras chave: Memória, Telejornalismo, Jornalismo, Parque Nacional Serra da Capivara.

ABSTRACT

The Serra da Capivara National Park, located in the hinterlands of the state of Piauí, is one of the most significant archaeological heritage sites in the world and was designated a World Cultural Heritage Site by UNESCO in 1991. Its historical, environmental, and cultural importance has been portrayed by various journalistic outlets, contributing to the construction of collective memory about the site. This research aims to analyze how the television programs *Jornal da Record* and *Globo Repórter* contribute to the construction of memories of the Serra da Capivara National Park. The specific objectives are: to investigate which "memory holders" are called upon in the news reports to discuss the Park; to analyze the screen time allocated to the reports in relation to the total duration of the news programs, as an indicator of the importance attributed to the theme; and to examine how the journalistic approaches adopted by the two programs shape opinions and attitudes toward the Park and its surrounding region. This is a qualitative study based on content analysis of selected reports, grounded in Bardin (2016) and Herscovitz (2007). Document analysis was also employed, considering television news content as primary sources. The theoretical framework draws on authors such as Halbwachs (1968), Pollak (1989), Nora (1993), Ferreira (2016), Ferreira (2022), and Vizeu (2009), who discuss memory, journalism, and television journalism. The results show that *Jornal da Record* prioritizes institutional and specialized sources, emphasizing tourism, scientific, and economic aspects, while *Globo Repórter* highlights popular and emotional voices, linked to daily life and biodiversity, with less focus on the Park's archaeological value. It is concluded that both programs contribute to the construction of memories of the Serra da Capivara National Park through distinct approaches, shaping different perspectives on its historical and cultural significance. However, a deeper exploration is still needed. Furthermore, the analysis revealed that television journalism covering the Park still does not sufficiently prioritize narratives that include marginalized voices or foster debates that go beyond the surface of tourism and science.

Keywords: Memory, Television Journalism, Journalism, Serra da Capivara National Park.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
2. MEMÓRIAS QUE NUNCA FORAM SÓ MINHAS.....	15
2.1 O que é memória afinal?.....	15
2.2 Memórias, cidade e patrimônio: Parque Nacional Serra da Capivara presente.....	20
3. MEMÓRIA E TELEJORNALISMO.....	26
3.1 Jornalismo e lugar de memória.....	26
3.2 Telejornalismo e lugar de memória.....	30
4. A SERRA DA CAPIVARA EM CENA.....	34
4.1 “Senhores de memória” do Parque Nacional Serra da Capivara.....	35
4.2 Parque Nacional Serra da Capivara na tela.....	39
4.3 A pinça do telejornalismo.....	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

O Parque Nacional Serra da Capivara (PNSC), localizado no sertão do estado do Piauí, é um dos mais relevantes patrimônios arqueológicos do mundo, abrangendo os municípios de São Raimundo Nonato e Coronel José Dias. Reconhecido pela UNESCO, em 1991, como Patrimônio Cultural da Humanidade¹, o parque se destaca pela quantidade de sítios arqueológicos, que abrigam pinturas rupestres capazes de retratar aspectos significativos da chegada dos primeiros habitantes nas Américas. Além disso, o PNSC se torna ainda mais notável por sua biodiversidade, englobando uma rica fauna e flora que reforçam sua importância como um espaço de preservação ambiental e cultural.

Pesquisadores, como Ferreira e Berti (2011), destacam que os primeiros habitantes das Américas podem ser vistos como "jornalistas da Pré-História", pois, por meio das pinturas rupestres, comunicavam aspectos de sua vida cotidiana, deixando registros que marcariam a história da humanidade. Esses registros podem ser entendidos como uma forma inicial de comunicação coletiva, desempenhando um papel folkcomunicação. Essa conexão entre os relatos visuais do passado e a memória coletiva contemporânea enfatizam a relevância do PNSC como espaço de preservação da história e da ancestralidade humana.

O parque, conhecido no Brasil e no exterior, atrai o interesse da mídia por seu papel na preservação da biodiversidade, na trajetória da humanidade e no turismo. Diversas reportagens jornalísticas já abordaram sua importância, contribuindo para sua visibilidade e para a disseminação de informações sobre sua riqueza cultural e histórica, ou mesmo para questionar o poder público em relação ao descaso. Entretanto, a maneira como os meios de comunicação retratam o parque não apenas molda a percepção do público, mas também interfere na construção de uma memória social sobre o local.

De acordo com Palacios (2007), o jornalismo pode ser considerado "memória em ato", pois transforma o presente em notícia e, mais tarde, em passado registrado, servindo como lugar de memória para os que futuramente acessarem suas narrativas. Nesse sentido, o jornalismo não apenas utiliza memórias individuais e coletivas como base para suas produções, mas também as perpetua, desempenhando um papel crucial na formação de opiniões e identidades culturais.

¹ Informações sobre visitação - Parque Nacional da Serra da Capivara. **GOV.BR**, Disponível em : [<https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unid-de-conservacao/você-de-biomas/caatinga/lista-de-ucs/parna-da-serra-da-capivara/informaco-sobre-visitacao-2013-parna-da-serra-da-capivara>. Acesso em: 20 de nov 2024.

No contexto do Parque Nacional Serra da Capivara, a atividade jornalística pode desempenhar um papel essencial na divulgação de sua história e ancestralidade, ajudando a sociedade a compreender o valor desse patrimônio como o "Berço do Homem Americano". Uma análise crítica das produções é fundamental para compreender como o telejornalismo constrói memórias coletivas e influencia a percepção da identidade cultural e histórica da região.

Assim, o problema de pesquisa que norteia este trabalho é: como as reportagens do Jornal da Record e Globo Repórter sobre o Parque Nacional Serra da Capivara contribuem para a construção da memória coletiva e influenciam a percepção da identidade cultural e histórica da região?

Para a definição dos observáveis da pesquisa, optamos por veículos de ampla circulação nacional, escolhendo, assim, as emissoras Globo e Record. Ao realizar uma busca no YouTube, em 2024, com os termos "Parque Nacional Serra da Capivara" e "São Raimundo Nonato", as primeiras matérias encontradas foram um conteúdo do Jornal da Record e do Globo Repórter. A forma como esses programas narram histórias sobre a região despertou nosso interesse. Além disso, as emissoras Globo e Record figuram entre os principais canais de televisão aberta do Brasil, ocupando um papel relevante no cenário midiático. As reportagens selecionadas também possibilitam uma compreensão mais aprofundada acerca do conteúdo produzido sobre o tema.

Para atender ao nosso problema de pesquisa, este trabalho tem como objetivo geral: analisar como os programas Jornal da Record e Globo Repórter contribuem para a construção de memórias do Parque Nacional Serra da Capivara. Além disso, possui os seguintes objetivos específicos: investigar quais "senhores de memória" são convocados nas reportagens para tratar sobre o Parque Nacional Serra da Capivara; analisar o tempo de tela dedicado às reportagens em relação à duração total dos telejornais, como indicador da relevância atribuída ao tema e examinar o papel das abordagens jornalísticas adotadas pelos dois programas na formação de opiniões e atitudes em relação à Serra da Capivara e à região circundante.

A escolha do tema se justifica, inicialmente, por questão de afinidade, minha cidade São Raimundo Nonato (Rebeca) é um dos territórios que abrangem o Parque Nacional Serra da Capivara e ao decorrer de toda a minha vida fui maravilhada pelas experiências e histórias que só pertencem a este lugar, corriqueiramente na escola, nos eventos culturais da cidade e nos meios de comunicação locais fui lembrada da importância histórica e cultural que esse local tem para o mundo.

No entanto, a relevância do tema transcende a esfera pessoal, assumindo também uma significativa importância acadêmica. O Parque Nacional Serra da Capivara não é apenas um patrimônio arqueológico de valor inestimável, mas também um espaço que suscita reflexões sobre preservação ambiental, memória coletiva e identidade cultural. A relação entre o jornalismo e a construção de memórias, tema central deste trabalho, é de grande importância para os estudos de comunicação, pois investiga como narrativas midiáticas moldam percepções sociais, reforçam ou omitem elementos históricos e culturais e influenciam a maneira como a sociedade compreende seu próprio passado e os acontecimentos cotidianos.

Neste sentido, o trabalho se propõe analisar a construção de memórias sobre o Parque Nacional Serra da Capivara no meio midiático. O telejornalismo tem papel crucial na formação de opiniões, aprendizagem e senso crítico da sociedade, devido a isso sua responsabilidade em reproduzir conteúdos deve ser redobrada, tendo em vista que tudo que é veiculado impacta de alguma forma na vida das pessoas.

A metodologia desempenha um papel fundamental em uma pesquisa, nela são estabelecidas as bases para a validade e confiabilidade dos resultados obtidos. Através dela é possível descrever a maneira como a pesquisa foi planejada, conduzida e analisada.

No que se refere ao tipo de pesquisa, trata-se de uma abordagem qualitativa fundamentada nos princípios de Bardin (2016), que, segundo a autora, busca verificar a presença ou ausência de determinadas características em um conteúdo. Partindo disso, a pesquisa qualitativa foi essencial para identificar tanto as fontes escolhidas para as reportagens quanto a conduta das abordagens jornalísticas adotadas.

A análise documental é o processo de interpretar, organizar e compreender conteúdos a partir de documentos selecionados como fontes de pesquisa, considerando o contexto em que foram produzidos, seus objetivos e possíveis vieses. Neste trabalho, também foi utilizada a pesquisa documental como método para investigar episódios do Globo Repórter e do Jornal da Record. Como destaca Gil (2002), a pesquisa documental faz uso de documentos em "primeira mão", e, nesse sentido, os programas jornalísticos analisados funcionam como fontes primárias que refletem as escolhas e narrativas adotadas para abordar o tema apresentado. Por meio dessa análise, buscamos compreender como esses programas, enquanto documentos audiovisuais, influenciam a forma como a Serra da Capivara é lembrada pelo público.

A seleção destes telejornais para a análise desta pesquisa fundamenta-se na ampla audiência e na relevância dessas emissoras no cenário do telejornalismo brasileiro. Ambas possuem grande repercussão, o que as torna referências na construção de narrativas sobre

temas de interesse público. Além disso, a escolha desses programas permite uma comparação entre as abordagens adotadas por cada veículo na apresentação do Parque Nacional Serra da Capivara, possibilitando a identificação de possíveis diferenças na forma como o local é retratado.

Desse modo, esta pesquisa foi realizada a partir da análise de conteúdo, das reportagens do Jornal da Record na Série RJ e da reportagem do Globo Repórter intitulada Capadócia nordestina sobre o Parque Nacional Serra da Capivara. De acordo com Herscovitz (2007), a análise de conteúdo é um método útil nas pesquisas voltadas ao jornalismo. Por meio dela, foram selecionados materiais como: imagens, vídeos, entrevistas, narrativas que fazem parte da reportagem para que possam ser analisados e interpretados, buscando compreender o significado do conteúdo em relação aos objetivos da pesquisa.

A análise do conteúdo midiático veiculado contribui para a compreensão aprofundada tanto dos emissores quanto dos receptores das notícias. Além disso, possibilita a identificação de padrões e construções que podem estar subjacentes às mensagens veiculadas pela mídia. Esta abordagem revela aspectos relevantes sobre os processos de produção, transmissão e recepção das informações, assim como permite a identificação de possíveis influências e preconceitos presentes na construção e disseminação das mensagens midiáticas. Para Herscovitz (2007), quando a análise de conteúdo é aplicada ao jornalismo, o pesquisador porta-se como um detetive e pode compreender tramas ali desenhadas.

A análise de conteúdo pode ser empregada em estudos exploratórios, descritivos ou explanatórios. Os pesquisadores que utilizam a análise de conteúdo são como detetives em busca de pistas que desvendem o significados aparentes e/ ou implícitos dos signos e das narrativas jornalísticas, expondo tendências conflitos interesses ambiguidades ou ideologias presentes nos materiais examinados (Herscovitz, 2007, p. 127).

Quando uma análise é feita são expostas diferentes vertentes de um material que, muitas vezes, não seriam perceptíveis se olhadas apenas de maneira superficial. O meio jornalístico tem diversas jogadas para expor interesses, ideias e priorizar assuntos específicos quando vai noticiar algo, a partir da análise de conteúdo todos esses aspectos podem ser observados e examinados.

Para operacionalizarmos os objetivos, adotamos as seguintes categorias: "Senhores de memória" do Parque Nacional Serra da Capivara, Parque Nacional Serra da Capivara na tela e A pinça do telejornalismo . Na categoria 1 "Senhores de memória" do Parque Nacional

Serra da Capivara buscamos identificar as fontes adotadas pelos programas para noticiar o tema. Já na categoria 2 Parque Nacional Serra da Capivara na tela, refletimos sobre o tempo de tela oferecido pelos programas telejornalísticos com o intuito de compreendermos a relevância atribuída ao parque. Na categoria 3 A Pinça do telejornalismo, analisamos como os telejornais selecionaram e enfatizaram determinados aspectos da Serra da Capivara, influenciando a construção da memória sobre o local. O foco é identificar quais elementos são destacados ou omitidos, bem como os impactos dessa curadoria na percepção do público.

A pesquisa se inicia com uma abordagem do conceito de memória, de acordo com autores como Halbwachs (1968) e Pollak (1989). Por meio deles, aprofundamos o conceito de memória coletiva e individual, assim como suas diferenças e a forma como se complementam. Neste mesmo capítulo, abordamos o que são os senhores da memória e como eles são utilizados no meio jornalístico, trabalhamos a seletividade da memória, os esquecimentos e discutimos qual a importância da memória para uma cidade e para a preservação de locais como o Parque Nacional Serra da Capivara. Posteriormente, discutimos o conceito de lugar de memória associado ao jornalismo e como o telejornalismo pode também ser considerado um lugar de memória. Por fim, desenvolvemos a parte analítica da pesquisa.

2. MEMÓRIAS QUE NUNCA FORAM SÓ MINHAS

A memória, longe de ser um fenômeno puramente individual, é continuamente moldada por interações sociais e por discursos que circulam em diferentes esferas da sociedade. Nossas lembranças não emergem isoladas, mas sim a partir de referências compartilhadas, de relatos de terceiros e de registros que preservam acontecimentos ao longo do tempo. Nesse contexto, o jornalismo desempenha um papel central, atuando como mediador na construção da memória coletiva ao selecionar, interpretar e narrar os fatos. No capítulo “Memórias que nunca foram só minhas”, reforçamos as características da memória e buscamos conhecer um pouco mais sobre o Parque Nacional Serra da Capivara e sua importância como patrimônio.

2.1 O que é memória afinal?

A memória nos conecta com nossa ancestralidade, buscando vivências nossas ou de um passado que não presenciamos diretamente. Ao ouvirmos relatos de terceiros, construímos nossa própria narrativa a partir desse legado compartilhado. Para preservar lembranças, é necessário um elemento distinto que as ative, o que requer um esforço contínuo para manter viva nossa memória.

De acordo com Halbwachs (1968), a memória pode ser individual e coletiva. Nossas lembranças podem ser apoiadas tanto na nossa impressão como na dos outros. Esse apoio que a lembrança do outro nos proporciona faz com que tenhamos mais confiança na exatidão do acontecimento, trazendo não somente nossa versão da história, mas também a visão pela ótica de outra pessoa, fazendo com que a mesma experiência fosse recomeçada.

Essa experiência recomeçada demonstra como, ao revisitarmos uma lembrança, somos capazes de perceber novos aspectos daquele acontecimento, especialmente quando essa memória é compartilhada com outra pessoa. Com frequência, o outro pode notar detalhes que nos passaram despercebidos, enriquecendo e transformando nossa própria compreensão do evento. Isso resulta em uma modificação constante da nossa percepção original dos acontecimentos. Este outro também pode ser personificado pelo jornalismo que, constantemente, volta sua lente para acontecimentos que não experienciamos, mas que o mesmo busca nos conduzir, nos faz lembrar.

Halbwachs (1968) afirma que para se confirmar uma lembrança não é necessário que outras pessoas estejam presentes de forma física, pois mesmo que o acontecimento tenha sido vivenciado por uma só pessoa ela teve influência de outros indivíduos que já passaram por sua vida. A memória é coletiva, pois, na realidade, nunca estamos sós, sempre teremos influência de outros seres ao nosso redor.

Mas chegar à memória não é um processo retilíneo, a comunicação precede a memória porque é por meio da transmissão de informações que os indivíduos e grupos constroem referências sobre o mundo ao seu redor. Beltrão (2001) destaca que os meios de comunicação populares desempenham um papel fundamental na circulação de mensagens entre diferentes camadas da sociedade, permitindo a preservação e transformação do conhecimento coletivo. Antes que algo se torne memória, ele precisa ser comunicado de alguma forma, seja por meio da oralidade, da escrita ou das mídias contemporâneas. A comunicação ajuda a estabelecer os marcos que serão lembrados ou esquecidos, pois a seleção e repetição de informações ao longo do tempo determinam quais elementos serão incorporados ao repertório memorialístico de uma sociedade.

A interligação entre comunicação e memória ocorre no processo de compartilhamento e ressignificação das experiências coletivas. Segundo Beltrão (2001), os meios de comunicação, formais e informais, estruturam narrativas que influenciam a percepção dos eventos históricos e culturais. Assim, a memória não é apenas um registro passivo do passado, mas uma construção ativa mediada pela comunicação. Os relatos, reportagens e discursos moldam a lembrança social, filtrando os acontecimentos conforme interesses e contextos específicos. Dessa forma, a comunicação não apenas antecede a memória, mas a define, ao estabelecer quais versões dos fatos serão preservadas e transmitidas para as futuras gerações.

A construção da memória não se restringe a espaços institucionalizados, como museus, arquivos, documentos oficiais e ou governamentais, mas também ocorre por meio de diversas práticas sociais e midiáticas. O telejornalismo, ao selecionar, narrar e interpretar acontecimentos, desempenha um papel fundamental nesse processo, influenciando de maneira como certos temas são lembrados e ressignificados ao longo do tempo. Assim, a memória coletiva é, constantemente, moldada por discursos midiáticos, que estabelecem vínculos entre o passado e o presente, determinando quais aspectos são enfatizados, silenciados ou reinterpretados na construção do imaginário social.

Por diversas vezes, temos que recorrer à memória de outras pessoas, do coletivo para que tenhamos mais exatidão nas nossas próprias lembranças. Acontecimentos históricos que, raramente, pudemos estar presentes ficam gravados na nossa mente como se tivéssemos

vivenciado aquilo, ao ver o relato de terceiros, ao assistir televisão, ao ler jornais, podemos criar nossa própria memória individual a partir de uma memória coletiva.

O telejornalismo nos ajuda a ter essa exatidão sobre as nossas lembranças ou até mesmo confrontá-las, cada reportagem que outrora assistimos fica gravada na nossa memória. O jornalismo assume esse papel de resguardar os acontecimentos para quando quisermos acessá-los.

Pollak (1989) relata que a memória é uma junção coletiva de acontecimentos e também interpretações que as pessoas querem guardar. Ele afirma que ela acontece como tentativa de reforçar sentimentos de pertencimentos e fronteiras sociais, como partidos, aldeias, igrejas e regiões. Essa referência ao passado ele entende que é feita para se manter uma coesão desses grupos que compõem a sociedade.

Quando um telejornal faz essa escolha de dar visibilidade a uma determinada região, o próprio está fazendo esse exercício de memória, reforçando a importância do local e trazendo o sentimento de pertencimento para aqueles que lá habitam ou até mesmo o afastamento, quando os mesmos não se identificam com o que ali está posto. Este produto jornalístico pode fazer com que as lembranças ligadas aquela região sejam recordadas e guardadas por aqueles que a conhecem e também por aqueles que não tiveram contato, mas que por meio dessa pinça feita pelo meio jornalístico conseguiram criar uma memória associada a este lugar.

A partir da troca com outros indivíduos, nossas lembranças sobre determinados acontecimentos se constroem, pois agora estamos associando a nossa visão com a de outra pessoa. De acordo com Halbwachs (1968), para que possamos aproveitar as memórias de outras pessoas não é suficiente que elas compartilhem suas experiências. É fundamental que nossas próprias memórias estejam em sintonia com as delas e que existam conexões suficientes entre ambas. Assim, conseguiremos reconstruir as lembranças que nos trazem, formando uma base comum para compreendê-las de maneira mais rica e significativa.

A memória, por sua natureza, é flexível e passível de alterações a qualquer momento, especialmente quando exposta a perspectivas externas. Ao relatar uma lembrança e receber contribuições de outras pessoas, suas interpretações e percepções podem modificar ou complementar a narrativa, resultando em uma construção de memória coletiva e adaptável.

Podemos ter o errôneo pensamento de que a memória fica apenas no passado, entretanto a memória não está confinada ao passado, ela é constantemente recriada e atualizada na mente humana. Esse processo de atualização é profundamente relacionado, segundo Nora (1993), à afetividade, indicando que a memória é formada por emoções e

simbologias, ou que a torna fluida e possível de ser ressignificada a qualquer momento que temos contato com a mesma.

A memória é um fenômeno sempre atual um elo vivido no eterno presente. porque é afetiva e mágica a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas telescópicas globais ou flutuantes particulares ou simbólicas sensível a todas as transferências, cenas censura ou projeções (Nora, 1993, p. 9).

Outro conceito fundamental na discussão sobre memória coletiva é o "senhores da memória", indivíduos incumbidos de preservar e transmitir informações ou acontecimentos significativos dentro de um grupo social. Esses indivíduos desempenham o papel de guardiões da memória coletiva, sendo responsáveis por narrar os fatos e garantir que informações importantes permaneçam vivas na mente das pessoas. Ao exercerem esse papel, os senhores da memória não apenas recontam os acontecimentos, mas também os interpretam e, de certa forma, os moldam, influenciando como esses fatos serão lembrados e reinterpretados pelas gerações seguintes. Para Le Goff (1990), eles são vistos como senhores da memória, mas também do esquecimento:

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (Le Goff, 1990, p. 368).

No jornalismo, consideramos como senhores da memória, além dos jornalistas e proprietários dos veículos de comunicação, as fontes escolhidas para falar sobre o tema tratado na reportagem, as pessoas que foram selecionadas para contar os acontecimentos de acordo com sua ótica e sua ligação. É de acordo com elas que compreendemos os fatos e observamos o que foi preferível deixar em evidência e o que quiseram silenciar ou esquecer.

O jornalismo, enquanto um espaço de memória, não retrata uma região, um acontecimento ou uma história exatamente como ocorreram no passado, mas os reconstrói a partir das perspectivas e interpretações do presente.

Pensando na vertente do telejornalismo, podemos perceber que para recriar fatos e acontecimentos é preciso que escolhas sejam feitas, como falas, enquadramentos, escolha de cenários. Toda essa esquematização quer dizer algo e a forma como isso é veiculado impacta

na vida das pessoas, pois a partir daquela determinada produção será criada uma memória sobre aquele assunto.

O telejornalismo desempenha um papel central na criação da memória coletiva moderna. Como mencionado anteriormente, ele preserva acontecimentos históricos e cotidianos por meio de relatos visuais e narrativos que influenciam a percepção pública. Quando uma região ou evento recebe destaque em um telejornal, essa cobertura não apenas informa, mas também constrói uma narrativa visual e emocional que será guardada na memória coletiva dos telespectadores. A escolha de imagens, ângulos e fontes contribui para definir quais memórias serão fixadas e quais serão relegadas ao esquecimento. Esta forma de memória mediada cria a sensação de familiaridade com lugares e eventos que o público nunca vivenciou diretamente, mas que passam a fazer parte de suas memórias.

Percebemos como existem dois tipos de memórias em uma sociedade: uma que é mais visível e dominante, e outra que é oculta ou silenciosa. Pollak (1989) discorre sobre estas fronteiras da memória. A memória visível é aquela que a sociedade ou o governo quer promover, geralmente uma versão oficial ou idealizada dos acontecimentos. Já a memória oculta é aquela mantida por grupos oprimidos, marginalizados ou somente que não estão em evidência, que, muitas vezes, não têm espaço ou permissão para contar suas próprias histórias e experiências. A fronteira entre o que pode ser dito (o dizível) e o que não pode (o inconfessável), conforme Pollak (1989) cria essa divisão, em que certas memórias são aceitas e outras são silenciadas ou esquecidas.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (Pollak, 1989, p. 6).

Ainda para Pollak (1989), a memória coletiva é preservada através de monumentos e construções, como as pirâmides, catedrais e teatros e também vestígios arqueológicos, que são marcos físicos de diferentes épocas e culturas. Esses vestígios do passado se tornam símbolos de uma herança cultural que transcende o tempo e o espaço, sendo apropriados por toda a humanidade. Quando vemos esses vestígios antigos, tendemos a sentir uma conexão com as civilizações que as criaram.

A ideia é que, mesmo que essas culturas tenham desaparecido, seus legados continuam vivos e podem ser compartilhados por todos, integrando-se ao patrimônio comum da humanidade. No entanto, também se reconhece que aqueles que vivem nos locais onde essas

culturas floresceram podem sentir um orgulho especial por serem os herdeiros diretos daquele patrimônio. Com isso, se percebe como as construções e vestígios históricos são símbolos poderosos de memória, conectando as pessoas ao passado e criando um sentimento de pertencimento e identidade cultural.

2.2 Memórias, cidade e patrimônio: Parque Nacional Serra da Capivara presente

De acordo com Buco (2014), o Parque Nacional Serra da Capivara está localizado na região Nordeste do Brasil, no estado do Piauí, mais precisamente no sudeste do estado, abrangendo as cidades do entorno como Coronel José Dias e São Raimundo Nonato. O mesmo foi criado em 1979 a pedido da equipe chefiada pela arqueóloga Niéde Guidon, chamada equipe de cooperação franco-brasileira que, desde os anos 1970, realizava pesquisas nessa região.

Preservar a memória deste parque, bem como a herança de nossos ancestrais ao longo dos anos, tem sido um trabalho incansável para todos que fazem parte do Parque Nacional da Serra da Capivara (PNSC). Proteger esse patrimônio e conservar as evidências deixadas pelos primeiros habitantes ao chegar nas Américas é essencial para manter viva a memória da evolução da humanidade. Esse esforço não só preserva nossa história, mas também garante a valorização de importantes descobertas que narram o desenvolvimento da espécie humana. Segundo Buco (2014), a criação do parque veio, principalmente, em função da preocupação com a intervenção humana no espaço .

Solicitava-se ao governo federal a criação de uma unidade de conservação, visando garantir a preservação do bioma da caatinga e os sítios arqueológicos. Da preocupação com a presença de posseiros, dos incêndios que destruíram vários sítios com pinturas rupestres, da caça ilegal e do desmatamento descontrolado de espécies nobres nasceu a Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM) em 1986. (Buco, 2014, p. 35).

Os museus são exemplos importantes na preservação da memória, seja de um povo, de um lugar ou até de um acontecimento. Neles, ocorre o processo de preservação da memória, especialmente de episódios nos quais não estivemos presentes. Ao visitá-los, criamos conceitos associadas a esses eventos, transformando o desconhecido em algo familiar em nossas lembranças. Eles ajudam a estabelecer uma conexão entre o passado e o presente, permitindo que o que antes era distante ou estranho passe a fazer parte da nossa própria experiência e compreensão na atualidade.

Segundo Buco (2014), a Fundação Museu do Homem Americano, tem o propósito de proteger o legado cultural e ambiental do PNSC. Ela promove ações científicas multidisciplinares, culturais e sociais, sua sede fica localizada na cidade de São Raimundo Nonato. Sua relevância é inegável para o território Serra da Capivara, pois, além de preservá-lo, mantém viva a cultura e ancestralidade das primeiras pessoas que habitaram a América.

De acordo com Luisa (2019) outro importante espaço onde se resguardam muitas memórias da fauna e flora da caatinga é o Museu da Natureza, localizado dentro do Parque Nacional Serra da Capivara. Inaugurado em dezembro de 2018, o museu oferece uma imersão nas transformações do meio ambiente e na biodiversidade ao longo de milhões de anos. O museu foi projetado para ser um espaço moderno e interativo, com exposições que retratam a evolução da vida na Terra, abordando temas como a formação dos continentes, mudanças climáticas, extinção de espécies e a adaptação da fauna e flora à aridez da caatinga, utilizando recursos audiovisuais e tecnológicos. As exposições são organizadas de forma cronológica, partindo desde o surgimento da vida até os dias atuais. Além disso, o Museu da Natureza é uma extensão do trabalho arqueológico e de preservação realizado dentro do Parque.

De acordo com o Governo do Estado do Piauí (2021), a Serra da Capivara é considerada pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade desde 1991, pois toda a sua história tem uma grande importância, o que traz consigo também um grande peso. Com a necessidade de que este local fosse preservado, surgiram diversos desafios econômicos e de infraestrutura para que ele se mantivesse conservado, longe do desmatamento e que servisse também para quem viesse conhecer suas belezas e histórias. Contudo, nem sempre esta preservação acontece como deveria e o parque, constantemente, já foi pauta de veículos jornalísticos que denunciam o descaso.²

A memória e a história estão interligadas, dessa forma a memória é fundamental para a história dos lugares, de acordo com Pollak (1992) o trabalho de enquadramento da memória utiliza os elementos fornecidos pela história. Estes elementos podem ser interpretados de diferentes formas e combinados com várias outras referências. Motivado pela necessidade de não apenas preservar as fronteiras sociais, mas também de transformá-las, esse processo

²TOKARNIA, Mariana. Falta de recursos ameaça Parque Nacional da Serra da Capivara. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-05/falta-de-recursos-ameaca-parque-nacional-da-serra-capivara#:~:text=Patrim%C3%B4nio%20Mundial%20da%20Unesco%2C%20o.o%20que%20fazer%E2%80%9D%2C%20disse.> Publicada em : 08 mai de 2016. Acesso em : 20 nov de 2024

reinterpreta o passado de forma contínua, levando em conta os desafios do presente e as expectativas para o futuro.

A cidade de São Raimundo Nonato por abranger grande parte do território do PNSC e por ser o pólo dessa macro região, ficou conhecida como berço do homem americano, fazendo referência a esse parque que conta a história de toda a humanidade através de suas pinturas rupestres que retratam os primórdios da chegada da raça humana na América.

É válido ressaltar que na língua portuguesa, o termo “homem” tem sido historicamente utilizado para se referir à humanidade de forma geral, devido a uma tradição linguística que associa o masculino ao universal. Esse uso reflete estruturas sociais enraizadas, nas quais o masculino era visto como representante do coletivo. No entanto, esta prática tem sido questionada, sobretudo em debates sobre linguagem inclusiva e representatividade, levando a uma maior adoção de termos como “ser humano” ou “humanidade” para evitar a invisibilização de outros grupos. Apesar dessas mudanças, expressões tradicionais como “berço do homem americano” ainda são amplamente utilizadas, especialmente em contextos históricos e científicos.

Com isso, percebemos a importância da memória não só para esse local como para os demais. Preservar a ancestralidade, a história de vida e os acontecimentos de um povo é dar importância e reconhecimento para que sua história não seja silenciada e nem esquecida em meio a tantos acontecimentos no mundo.

De acordo com Miranda (2015), os monumentos de um povo refletem sua identidade como nação e, ao carregarem mensagens do passado, inspiram as gerações futuras. Eles são testemunhos vivos e recentes do desenvolvimento histórico de um país. Nisso, percebemos a tamanha importância de preservar, cuidar e resguardar nossos vestígios do passado, atuando também como senhores da memória para que isso seja repassado para as próximas gerações, como citado acima.

A memória tem o poder de unir pessoas em torno de um patrimônio comum, estimulando o cuidado com o espaço físico e a proteção de elementos culturais e históricos. Quando uma comunidade conhece e valoriza suas origens, há maior engajamento na preservação de seus marcos culturais e ambientais, garantindo que esses tesouros sejam transmitidos às futuras gerações. Miranda (2015) considera que as gerações são refletidas no que deixam de legado.

As obras do passado, monumentos ou sítios históricos refletem o modo de pensar conceptual, estético, técnico, social e sentimental de cada geração.

Considerando-se a contínua mudança da sociedade, atualmente, o indivíduo e a comunidade restrita onde se insere, adquiriu sentimentos instintivos de valorização e preservação do seu patrimônio histórico. Deseja-se que o bem patrimônio seja transmitido às gerações futuras na sua autenticidade, como legado essencial da memória coletiva e identidade local, regional ou nacional (Miranda, 2015, p. 16).

Quando se conhece a história do seu local, é mais provável que se crie um sentimento de pertencimento, pois o indivíduo passa a se envolver com tudo aquilo que, de certa forma, lhe pertence, o laço é criado e o “pertencer” faz com que o cuidado seja maior, fazendo com que se queira guardar e preservar aquilo que um dia seu povo construiu.

Pertencer à região do Parque Nacional Serra da Capivara, é um privilégio para muitos que lá moram e um constante encantamento para quem visita. Desde novos, somos ensinados a amar e cuidar desse local tão significativo, em todos os retornos sempre tem algo novo que não reparamos, sendo acrescentado a nossa memória e é como se fosse a primeira vez que presenciássemos tamanho espetáculo. Durante os anos escolares, eu (Rebeca) participei de muitas atividades feitas para que essa memória fosse preservada e a valorização do parque continuasse a acontecer, visitas pelo menos uma vez ao ano aconteciam para que os alunos pudessem desenvolver atividades em sala de aula sobre a preservação do parque, principalmente na disciplina de história.

Entretanto, as vivências do parque podem ser memória distantes para uma parcela significativa da população das regiões do entorno, muitas pessoas ainda têm difícil acesso a um passeio no parque. Ao contrário de turistas que vêm ao longo de todo o ano visitar e conhecer, até mesmo de fora do Brasil, famílias que moram nas proximidades da Serra nunca tiveram a oportunidade de desbravar suas belezas, chegando a conclusão que alguns grupos são incentivados a rememorar e outros nem tanto.

Essa problemática é algo a ser discutido, pois cria uma lacuna na memória e nas vivências dessa população. O acesso ao Parque não é de forma gratuita, faz-se necessário um guia de turismo para acompanhar os visitantes, e muitas pessoas não têm condições de pagar. Esse é o relato que eu (Rebeca), como também moradora da região, ouvi diversas vezes dos moradores de Coronel José Dias e São Raimundo Nonato.

A falta de acesso de moradores locais a pontos turísticos de suas próprias cidades é um problema que reflete desigualdades sociais, econômicas e culturais. Muitas vezes, estas atrações são mais valorizadas e visitadas por turistas de fora do que pela própria população local. Há várias razões para isso, desde barreiras financeiras, como os custos de entrada,

transporte e hospedagem, até questões de falta de informação ou de políticas que promovam o acesso dos residentes.

Fatores como falta de infraestrutura, transporte público inadequado, ou mesmo uma percepção de que esses espaços não são destinados à população local podem afastar os moradores. Isso cria uma desconexão entre a comunidade e os patrimônios históricos e culturais da cidade.

O acesso restrito não só priva essas pessoas da vivência direta do patrimônio, mas também cria uma lacuna na construção de sua própria memória e identidade cultural. A falta de políticas públicas que incentivem a inclusão social nesses espaços revela uma desconexão entre a valorização do patrimônio para o turismo e o bem-estar das comunidades locais. Isso reforça a necessidade de iniciativas que promovam o acesso democrático aos bens culturais, garantindo que a memória coletiva do parque não seja privilégio de uma minoria, mas um direito de todos.

A relação entre memória individual e memória coletiva é um tema central nas discussões sobre história e sociedade. Ao abordar a cidade como um espaço de vivências, o indivíduo traz sua perspectiva particular, mas também negocia significados com o imaginário coletivo. É nesse ponto que se torna relevante a reflexão sobre como essas memórias coexistem. Nascimento (2006) reforça essa relação:

Embora não se pretenda aqui uma discussão em torno da questão da memória individual e da memória coletiva, nossa preocupação está relacionada com a memória coletiva, todavia é difícil pensá-la de forma independente da memória individual. Quem lembra é o indivíduo, mas existe nele uma espécie de negociação entre elas na tentativa de conciliá-las (Nascimento, 2006, p. 201).

O aspecto central levantado reside na "negociação" que ocorre no processo de lembrança, indicando que, embora a memória seja uma experiência individual, ela é profundamente influenciada pelas narrativas e valores sociais que constituem a memória coletiva. Nesse sentido, a recordação pessoal é constantemente moldada por discursos e representações coletivas que permeiam o imaginário social.

Ao aplicar essa reflexão à questão da desigualdade de acesso a determinados pontos turísticos, observamos que, mesmo aqueles que não tiveram a oportunidade de visitar esses locais diretamente, ainda possuem memórias construídas a partir de diversas fontes. Relatos de terceiros, fotografias, reportagens e programas televisivos, por exemplo, permitem que o indivíduo, embora desprovido da experiência presencial, crie uma representação mental do lugar. Dessa forma, a memória coletiva, mediada por essas formas de comunicação,

possibilita a formação de lembranças sobre esses espaços, ainda que a vivência direta não tenha ocorrido. Assim, o indivíduo participa de uma construção simbólica compartilhada, influenciada pelos valores e imagens disseminados socialmente.

O conceito de memória não se restringe aos vestígios materiais, como os sítios arqueológicos e museus, mas também abrange o patrimônio imaterial, como as tradições orais e as narrativas associadas ao PNSC. Os habitantes das cidades ao redor do parque, embora nem sempre tenham acesso direto aos locais de visitação, participam de uma memória coletiva que é, constantemente, renovada por relatos, lendas e histórias transmitidas de geração em geração. Mesmo sem a vivência direta, a memória sobre o parque é preservada através dessas transmissões orais, criando um vínculo simbólico entre os moradores e o parque, o que reforça sua identidade como "berço do homem americano". Essa preservação imaterial é tão vital quanto a material, pois é ela que mantém viva a conexão das pessoas com o seu patrimônio cultural e histórico.

A educação patrimonial é um caminho estratégico para fomentar o sentimento de pertencimento da população local aos bens culturais. O jornalismo pode assumir um papel fundamental nesse processo ao tornar-se um agente mobilizador da memória e do conhecimento. Os meios de comunicação, podem incentivar essa educação ao desenvolver conteúdos que contextualizem o patrimônio histórico e o aproximem da realidade dos moradores. Isso pode ocorrer por meio de reportagens educativas, documentários, programas especiais, podcasts, campanhas em redes sociais e até quadros fixos em rádios e televisões locais voltados para a história e cultura do território.

Uma forma de ampliar esse alcance é por meio da parceria entre veículos de mídia e escolas públicas, promovendo visitas guiadas com cobertura jornalística, oficinas de produção midiática com temas patrimoniais e espaços interativos onde estudantes possam produzir conteúdos sobre sua própria história local. Projetos como jornais escolares em parceria com rádios comunitárias, exposições itinerantes com apoio da imprensa local ou coberturas especiais durante datas comemorativas podem reforçar o vínculo entre educação, comunicação e patrimônio.

Para isso, é essencial o fortalecimento da comunicação pública e o desenvolvimento de políticas de comunicação que incluam ações voltadas à valorização cultural. Incentivos governamentais para produções jornalísticas que tratem da memória coletiva, editais de fomento à cultura, capacitações para comunicadores locais e a valorização das mídias

comunitárias são caminhos possíveis para democratizar o acesso à informação e fomentar o pertencimento cultural. O telejornalismo, quando construído com ética e responsabilidade social, pode contribuir de forma significativa nesse processo ao estimular o reconhecimento dos patrimônios como parte da vida cotidiana e não apenas como um espaço turístico ou científico.

3. MEMÓRIA E TELEJORNALISMO

A memória e o telejornalismo se interligam, uma vez que a mídia televisiva desempenha um papel fundamental na construção e preservação das lembranças coletivas. Ao selecionar, narrar e interpretar acontecimentos, os telejornais não apenas registram os fatos, mas também influenciam a forma como são lembrados e ressignificados ao longo do tempo. Esse processo ocorre por meio da recorrência de temas, da ênfase em determinados aspectos e da omissão de outros, moldando a percepção social sobre eventos e lugares. Neste capítulo, compreenderemos, o jornalismo e , de modo mais específico, o telejornalismo como lugar de memória.

3.1 Jornalismo e lugar de memória

De acordo com Nora (1993), os lugares de memória são caracterizados pela atuação conjunta dos aspectos material, simbólico e funcional, embora em intensidades variadas. Assim, um local de natureza essencialmente material, como um arquivo, se torna um lugar de memória apenas quando é investido de significado simbólico pela imaginação. Da mesma forma, elementos funcionais, como um manual escolar ou um testamento, podem adquirir esse status quando envolvem algum tipo de ritual. Até mesmo um minuto de silêncio, que representa uma manifestação simbólica, assume uma materialidade temporal e opera como um marco para reavivar memórias.

Seguindo por esse pensamento, Nora (1993) cita que os lugares de memória surgem em contextos em que a memória viva está em risco de desaparecer, sendo substituída por memórias registradas, institucionalizadas ou formalizadas. Isso se dá, especialmente, no mundo moderno, em que a aceleração das mudanças culturais, políticas e tecnológicas fazem com que as sociedades percam suas ligações orgânicas com o passado, recorrendo então a lugares específicos para manter viva essa conexão. Esses lugares, portanto, funcionam como marcadores de uma memória que já não é mais vivida de maneira espontânea, mas que precisa ser mantida e protegida de forma consciente.

Nesse sentido, o jornalismo pode ser visto como um criador e conservador essencial da memória coletiva e individual. Em um mundo marcado por mudanças rápidas e constantes,

torna-se cada vez mais difícil preservar lembranças de forma viva e acessível, e cada vez mais lembramos menos dos acontecimentos e das histórias que moldaram nosso presente. Sem um meio que registre e mantenha essas recordações, corremos o risco de perder aspectos importantes de nossa história e identidade. É nesse contexto que o jornalismo exerce um papel fundamental, ao documentar acontecimentos, narrativas e perspectivas que refletem nossa época e possibilitam o acesso a essas informações no futuro.

Ligado a isso, o jornalismo tem o potencial de preservar múltiplas vozes e versões de um mesmo evento, desempenhando um papel essencial na construção de uma memória coletiva mais ampla e inclusiva. Ao documentar diferentes perspectivas e registrar acontecimentos sob variadas lentes, o jornalismo oferece uma oportunidade de revisitar o passado de maneira mais completa, podendo, posteriormente, um entendimento mais profundo das complexidades das comunidades retratadas.

Contudo, sabemos que nem sempre o jornalismo se coloca como um agente eficaz na valorização e visibilidade das memórias de um povo. Muitas vezes, ele reforça narrativas excludentes que silenciam comunidades inteiras, relegando-as à invisibilidade ou retratando-as de forma distorcida e estereotipada. Esta dinâmica reflete as estruturas de poder que permeiam a produção de notícias, onde grupos marginalizados têm suas histórias negligenciadas em favor de interesses econômicos, políticos ou culturais dominantes. Ao ignorar essas vozes ou representá-las de maneira distorcida, o jornalismo não apenas contribui para a perpetuação de desigualdades sociais, mas também perde a oportunidade de ampliar o entendimento coletivo sobre a pluralidade de experiências que compõem a sociedade cooperando com os esquecimentos. Ferreira (2016) reforça esta capacidade do jornalismo de privilegiar determinados temas e abordagens em suas rotinas de produção:

Um desses atores que intervêm é o jornalismo ao privilegiar determinados tipos de coberturas, abordagens, versões em detrimento de outras, não obstante à busca da objetividade e imparcialidade. Na seleção de pautas, de direcionamento da cobertura e de fontes, o jornalismo acaba por deixar de fora inúmeros acontecimentos, de modo intencional ou não, ele termina contribuindo com os chamados esquecimentos (Ferreira, 2016, p. 44).

Essa função é especialmente importante em contextos em que uma única versão dos fatos foi imposta, seja por interesses políticos, econômicos ou ideológicos. É justamente esse papel de pluralidade e de convite à reflexão que conecta o jornalismo ao conceito de lugar de memória, proporcionando uma abertura para que as gerações futuras possam enxergar além das versões oficiais.

Segundo Rêgo (2014), o jornalismo pode ser compreendido como um lugar de memória, pois ele atua como um espaço onde as narrativas e os acontecimentos do passado são preservados e revisitados posteriormente. Rêgo (2014) argumenta que, durante a ditadura militar no Brasil, o jornalismo desempenhou um papel crucial ao registrar as tensões políticas e os eventos daquele período, possibilitando que essas memórias fossem evocadas e reinterpretadas em momentos futuros. O jornalismo, portanto, não apenas documenta o presente, mas também oferece um suporte para o trabalho contínuo da memória coletiva.

Consideramos que a atividade jornalística funciona como um lugar de memória ao capturar crises sociais, avanços culturais e outras experiências humanas, servindo como uma espécie de “arquivo ativo” que continuamente documenta o presente. Por meio de reportagens, artigos de opinião e entrevistas, ele não apenas registra eventos, mas os enriquece com múltiplas perspectivas. Isso cria um mosaico de memórias em que diversos pontos de vista, até mesmo os marginalizados e silenciados, encontram um espaço para serem preservados e revisitados.

O fato de o jornalismo ser um lugar que permite ecoar vozes de diferentes atores sociais ajuda a compor uma memória mais plural e inclusiva. De acordo com Ferreira (2016) é relevante destacar que, além dos grupos sociais e do jornalismo, outros agentes desempenham papel significativo na construção da memória. Entre esses agentes, podem ser incluídos pesquisadores, historiadores, instituições formais, organizações, o próprio Estado e locais materiais concretos, como museus e monumentos, que funcionam como elementos de preservação e transmissão de memórias. Esses atores e espaços contribuem para validar e perpetuar determinadas narrativas, atuando como testemunhas autorizadas.

Em seu aspecto simbólico, o jornalismo transcende a função de mera documentação. Ele carrega a responsabilidade de “reinterpretar” o passado à luz do presente, permitindo que eventos e narrativas históricas sejam revistos, debatidos e compreendidos em novos contextos. Durante a ditadura militar no Brasil, como citado anteriormente, parte do jornalismo registrou as tensões políticas e os abusos de direitos humanos que ocorreram naquele período. Esse material, reexaminado décadas depois, serviu não apenas como documentação, mas como uma memória ativa, que contribui para o entendimento da luta democrática no país e promove o reconhecimento de injustiças históricas. Nora (1993) destaca a importância de rituais na formação de lugares de memória e o jornalismo cria esses rituais ao visitar eventos significativos, instigando diálogos e reflexões constantes que mantêm estas memórias em circulação.

Outro aspecto fundamental do jornalismo como lugar de memória é o seu papel de “conservador dinâmico” da memória coletiva. Ele não apenas guarda, mas ativa a memória por meio de suas reinterpretações, atualizando as narrativas e permitindo que elas ressoem com relevância para as novas gerações. Isso é, particularmente, importante em um cenário de rápidas transformações, em que as identidades culturais e a própria concepção do que constitui a história de um povo estão em constante construção. Com isso, compreendemos que o jornalismo ajuda a manter uma continuidade histórica e cultural, que pode resistir à amnésia coletiva e à superficialidade das redes sociais, por exemplo, garantindo que as raízes culturais e os eventos que moldaram a sociedade continuem acessíveis, contextualizados e questionados.

As memórias coletivas desempenham um papel essencial na construção e na manutenção das identidades culturais e sociais de um grupo. Elas não surgem de forma neutra ou desprovida de influências, mas são moldadas pelo contexto histórico e pelas perspectivas ideológicas dos indivíduos e das comunidades que as perpetuam. Ao serem transmitidas e preservadas, essas memórias passam por filtros de significados e valores que as redefinem continuamente, levando em conta as necessidades e interesses do presente. Deste modo, o que é lembrado ou esquecido não é apenas uma questão de registro factual, mas de construção narrativa e simbólica, em que elementos do passado são escolhidos e interpretados conforme seu impacto e relevância para o grupo. Esse processo seletivo e ideológico da memória coletiva confere a ela uma continuidade aparente, como uma “herança” que passa a integrar a consciência coletiva e molda a maneira como a sociedade interpreta e valoriza seu próprio passado. Ferreira (2022) reforça estas angulações que constroem a memória.

Desse modo, as memórias coletivas fazem parte e, ao mesmo tempo, provocam uma continuidade provavelmente natural, pois o que fica nela, do passado, é somente aquilo que permanece na consciência das pessoas e do grupo que as mantêm e as conservam. Por serem elementos coletivos e individuais, as memórias não vêm puras e limpas, mas carregadas de ideologia, pois são frutos de construções feitas a partir de angulações (Ferreira, 2022, p.49).

Posto isso, entendemos que memórias coletivas são, ao mesmo tempo, um reflexo do passado e uma construção do presente, influenciadas pelas ideologias e pelos valores dos grupos que as preservam. Longe de serem registros puros e objetivos, essas memórias carregam intencionalidades. Esse processo faz com que a memória coletiva atue não apenas como uma recordação do que aconteceu, mas como uma narrativa estratégica, que legitima

identidades, valores e perspectivas contemporâneas, ao mesmo tempo em que dá ao passado uma continuidade adaptada às necessidades do presente.

3.2 Telejornalismo e lugar de memória

Nesse sentido, o telejornalismo pode ser visto como uma espécie de “baú de memórias” em que são guardados acontecimentos que no futuro podem ser revisitados. As reportagens, por exemplo, não são apenas relatos do presente, mas também documentos que, futuramente, poderão ser consultados. Isso consolida o jornalismo como uma das principais fontes de construção da memória coletiva.

Ainda no telejornalismo, consideramos que a sua linguagem e a maior capacidade de aproximar-se do seu público fazem com que o mesmo se torne um lugar de memória potencializado. O público consegue por meio das vozes e imagens em movimento captar um recorte dos acontecimentos. Muitos de nós só temos “acesso” a alguns lugares, objetos e outros, por conta da memória que o telejornalismo ajuda a construir sobre o cotidiano. Você pode até ser piauiense e nunca mesmo ter visitado o Parque Nacional Serra da Capivara, mas, provavelmente, tem algo sobre ele em sua memória que foi construído pelo que viu por meio do telejornalismo.

De acordo com Vizeu (2009), o noticiário televisivo, por meio de abordagens e construções didáticas, têm o potencial de ajudar homens e mulheres a entenderem melhor o "mundo da vida", o cotidiano complexo, muitas vezes marcado por tensões e conflitos, do qual eles têm cada vez menos acesso direto. Partimos do princípio de que o noticiário televisivo funciona como um ponto de referência, ao tornar visível e presente, na tela, o mundo que nos cerca. Dessa forma, a atividade dos jornalistas consiste em "organizar o mundo" de maneira que ele se torne mais compreensível para a sociedade, facilitando a compreensão dos eventos e contextos que permeiam a vida cotidiana.

Essa forma de organizar o mundo pode ser compreendida como um enquadramento da memória, ou seja, como um processo em que certos aspectos do passado são selecionados, interpretados e apresentados de maneira a fazer sentido no presente. Segundo Ferreira (2016), o jornalismo desempenha um papel central nesse processo ao decidir quais acontecimentos merecem ser lembrados, de que forma serão narrados e com quais significados. Assim, ao enquadrar o passado em ações e narrativas no presente, o jornalismo contribui para a construção da memória coletiva e, ao mesmo tempo, reforça identidades sociais e culturais, ajudando os indivíduos e grupos a se reconhecerem em determinadas histórias e valores.

Dessa forma é ressaltado seu papel essencial no fortalecimento das identidades. Isso ocorre porque, ao realizar diariamente a seleção de acontecimentos que serão divulgados, o jornalismo escolhe quais eventos se tornarão conhecidos e centrais para a construção da realidade social. Com isso, de acordo com Ferreira (2016), a mídia, de modo geral, e o jornalismo, em particular, produzem restos, vestígios e rastros que contribuem para a construção de memórias socialmente válidas nas sociedades contemporâneas, estabelecendo conexões entre o presente e o passado.

No contexto do telejornalismo, o conceito de “lugar de referência” proposto por Vizeu (2009) ilustra como o noticiário televisivo assume uma posição semelhante à da família, amigos, escola ou até religião na vida dos indivíduos. Ao "ver o mundo" através da televisão, as pessoas sentem que a realidade ao seu redor é confirmada e compreendida, pois a mídia se torna um espaço de validação e segurança sobre o que ocorre no cotidiano

O conceito de telejornalismo como "lugar de referência", proposto por Vizeu (2009), pode ser relacionado diretamente à ideia de jornalismo como um "lugar de memória". Do mesmo modo que a família, a escola e a religião, o telejornalismo se estabelece como uma fonte de segurança e continuidade, onde as pessoas buscam compreender o mundo e encontrar respaldo para sua visão da realidade. Esse papel vai além do simples ato de informar; ele estrutura e legitima uma memória coletiva que permite aos indivíduos se sentirem ancorados em um contexto social, cultural e histórico compartilhado. Desse modo, entendemos que o telejornalismo, além de ser visto como o lugar da segurança, é também o lugar que nos fornece o que deve ser lembrado.

No conceito de lugares de memória, Nora (1993) destaca a importância desses locais (físicos, simbólicos e funcionais) como espaços onde a memória é preservada e continuamente reforçada, especialmente em uma sociedade em que a memória viva pode se perder. De modo similar, o telejornalismo age como um guardião das memórias ao registrar e contextualizar eventos que marcaram o presente, criando um arquivo visual e narrativo do cotidiano. A cada nova edição, o telejornal pode revisitar eventos passados, como crises políticas, desastres naturais e avanços sociais, reforçando essas memórias e ajudando a manter uma narrativa contínua da história recente. Dessa forma, ele permite que o público não apenas tenha uma referência sobre o mundo atual, mas também construa uma visão coesa ou não de acontecimentos passados que moldam seu presente e futuro.

Para Menezes (2007), a globalização tem formado uma possível crise de memória coletiva, ao intensificar os fluxos de informações, acelerar a comunicação e ampliar a interconexão cultural e econômica. Este fenômeno, embora ofereça acesso sem precedentes a

conteúdos e narrativas de diferentes contextos, também fragmenta e sobrecarrega a capacidade da sociedade de criar e preservar memórias compartilhadas. Menezes (2007) retrata a importância da memória social para a identidade cultural, nisso o jornalismo entra como lugar de memória, trazendo fatos, acontecimentos e representações de cultura que fortalecem a identidade cultural de um povo.

O meio telejornalístico tem o poder de moldar histórias e favorecer acontecimentos em detrimento de outros. Contudo, é essencial que seja feito de maneira ética e responsável para que as pessoas que consomem aquele conteúdo veiculado saibam de informações verdadeiras.

A função didática do telejornalismo é enfatizada como uma prática essencial, em que os jornalistas organizam as informações para torná-las acessíveis e inteligíveis para o público. Vizeu (2009), explica que essa operação/construção didática mobiliza recursos como enquadramentos culturais e práticas organizacionais, que guiam o público no entendimento dos acontecimentos, simplificando conceitos complexos e estabelecendo uma narrativa compreensível.

Quando Vizeu (2009) aborda a função educativa e de segurança ontológica do telejornalismo, podemos associar tal conceito com a ideia de lugar de memória dentro do jornalismo. No telejornalismo, a televisão não se limita a ser um veículo de informação diária, mas torna-se um ponto de referência, onde o público busca uma sensação de estabilidade e continuidade em um mundo em constante mudança. Este papel estabilizador se torna especialmente importante em um contexto contemporâneo marcado pela rapidez das transformações sociais e culturais, em que a memória coletiva pode facilmente se fragmentar ou se perder. Embora não seja função do telejornalismo colocar-se como um lugar de memória, quando o mesmo preocupa-se com sua função educativa tem mais chances de enquadrar e selecionar com menos esquecimentos e silenciamentos.

O telejornalismo, ao registrar e reverberar eventos significativos, assume essa função de memória ao proporcionar ao público um senso de continuidade. Cada notícia ou cobertura especial revisita o passado recente, transforma-o em um registro e reafirma a relevância desses acontecimentos para a construção de uma memória coletiva. Nesse processo, os telejornais acumulam uma narrativa compartilhada do cotidiano e criam um banco de lembranças que o público pode acessar para relembrar momentos marcantes ou entender contextos que influenciam o presente.

Quando um telejornal cobre um evento, ele não apenas informa, mas reforça a ideia de que certos fatos merecem ser lembrados. Essa prática gera uma memória formalizada e institucionalizada, em que as notícias diárias – desde eventos globais até acontecimentos

locais – se tornam partes de uma "memória de arquivo" acessível. Posto isso, o telejornalismo sustenta a sensação de que o mundo possui um fluxo compreensível e que a sociedade tem um ponto de referência estável, seja ao revisitar tragédias, mudanças políticas ou celebrações coletivas.

Esse papel estabilizador do telejornalismo também cumpre uma função educativa que vai além da informação: ao mostrar os fatos e enquadrá-los dentro de uma lógica narrativa, o telejornal ensina ao público uma leitura da realidade como também a importância de preservar e guardar determinados acontecimentos, fortalecer valores e recordar marcos históricos.

Por mais que, muitas vezes, os telejornais passem a sensação de “engessados” ou sem emoção, cada parte daquilo que foi construído gera uma interpretação em cada telespectador, mesmo sem ser notado. Em um mundo em que a experiência direta de eventos históricos ou culturais é cada vez menos possível, o telejornalismo proporciona uma memória mediada, que permite ao público sentir-se conectado à sua história e preparado para o futuro. Dessa forma, ele mantém viva uma memória coletiva que seria facilmente dispersa, oferecendo uma forma de segurança identitária e histórica que conecta as pessoas em torno de uma memória comum e as prepara para a continuidade.

4. A SERRA DA CAPIVARA EM CENA

Para a realização desta pesquisa, adotamos a análise de conteúdo como técnica de análise, uma vez que ela permite examinar as mensagens jornalísticas de forma sistemática e interpretativa. Este método possibilita a identificação de padrões, significados e intencionalidades presentes no conteúdo midiático, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada da forma como determinados temas são representados na mídia. Para Sampaio e Lycarião (2021), é uma técnica com validade científica e que permite um olhar amplo.

Análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos.(Sampaio e Lycarião, 2021, p.17).

Ao adotar essa técnica, a pesquisa busca não apenas identificar a presença ou ausência de determinados temas no texto jornalístico, mas também compreender como eles são estruturados e quais narrativas são privilegiadas. A análise de conteúdo, portanto, permite uma abordagem crítica que vai além da simples contagem de termos ou categorias, explorando as implicações sociais, culturais e ideológicas das mensagens veiculadas. Dessa maneira, a pesquisa se fundamenta em uma perspectiva qualitativa, valorizando a interpretação dos dados em seu contexto comunicacional.

Dentre os tipos de ac existentes vou trabalhar com análise de conteúdo categorial, pois de acordo com Sampaio e Lycarião (2021) as categorias são elementos que nos ajudam a descrever o fenômeno que estamos investigando, ampliando a compreensão e permitindo a produção de conhecimento. Basicamente, os códigos são organizados em categorias quando apresentam relação entre si, seja pelo conteúdo ou pelo contexto.

Na análise de conteúdo, a categorização é uma etapa fundamental para organizar e compreender melhor as informações coletadas. Por meio dela, o pesquisador consegue reunir partes do conteúdo que têm sentidos parecidos, facilitando a interpretação e ajudando a responder aos objetivos do estudo. No caso de pesquisas que envolvem jornalismo e memória, por exemplo, as categorias ajudam a perceber como certos temas são apresentados, repetidos ou esquecidos nas narrativas jornalísticas. Como define Bardin (2016, p. 147), “a categoria é uma unidade de significado que permite uma classificação de elementos constitutivos de um

conjunto por diferenciação seguida de reagrupamento segundo analogias, com critérios previamente definidos”.

Isso mostra que, ao criar categorias, o pesquisador identifica o que é diferente e depois agrupa o que é semelhante, com base em critérios claros. Isso permite analisar o conteúdo jornalístico de forma mais organizada e perceber como ele pode contribuir (ou não) para a construção da memória coletiva sobre determinados temas.

A partir dessas diretrizes metodológicas, definimos as seguintes categorias de análise, construídas com base nas regularidades e sentidos encontrados nas narrativas dos programas selecionados. Juntas, elas possibilitam uma compreensão mais ampla de como o Parque Nacional Serra da Capivara é “construído” pelo telejornalismo, e de que maneira essas produções telejornalísticas contribuem para a construção da memória sobre este lugar.

Categoria 1 — “Senhores de memória” do Parque Nacional Serra da Capivara: nesta categoria, buscamos identificar quais fontes são acionadas pelos programas para falar sobre o parque. A análise se concentra em compreender quais vozes têm espaço nas narrativas jornalísticas, destacando quem é autorizado a contar a história do parque e como isso pode influenciar a construção da memória em relação ao parque.

Categoria 2 — Parque Nacional Serra da Capivara na tela: esta categoria se propõe a refletir sobre o tempo de tela e a visibilidade oferecidos ao Parque pelos programas analisados. O objetivo é entender a relevância atribuída ao tema dentro das narrativas televisivas, observando a centralidade (ou marginalidade) da pauta no conjunto da edição.

Categoria 3 — A Pinça do telejornalismo: aqui buscamos analisar como os telejornais selecionaram e enfatizaram determinados aspectos da Serra da Capivara, influenciando a construção da memória sobre o local. O foco é identificar quais elementos são destacados ou omitidos, bem como os impactos dessa curadoria na percepção do público.

4.1 “Senhores de memória” do Parque Nacional Serra da Capivara

Por meio da categoria “Senhores de memória” do Parque Nacional Serra da Capivara, percebemos que nas reportagens exibidas pelo Jornal da Record sobre o PNSC, houve uma ampla diversidade de personagens entrevistados. Contudo, é perceptível a tendência de priorização de sujeitos que ocupam posições de destaque ou exercem funções sociais consideradas relevantes, entre elas a arqueóloga Niéde Guidon e o arqueólogo Edu Coelho,

Ana Stela de Negreiros que é chefe do escritório do IPHAN - SRN, secretários de turismo, guias turísticos, e outros profissionais ligados diretamente à administração e preservação do parque. Essa escolha parece estar relacionada à própria notoriedade do PNSC, que demanda, aos olhos da cobertura jornalística, fontes com autoridade e domínio sobre temáticas como arqueologia, turismo e preservação ambiental.

Embora seja compreensível que especialistas e profissionais qualificados sejam ouvidos para contextualizar a importância histórica, cultural e científica do parque, é notável a limitação do espaço que foi concedido à população que vive no entorno da área protegida. O "povo", neste caso, aparece de forma pontual e com pouca centralidade nas narrativas. Essa participação popular se evidencia de maneira mais marcante no Jornal da Record apenas nos episódios 4 e 5, ainda assim em uma escala reduzida e sob um viés muito específico: o protagonismo dado a donos de pousadas e restaurantes que vivem do turismo gerado pela Serra da Capivara, como a Raimunda Valdira Mendes (dona de restaurante) e também a Paula Alves (dona de pousada).

É importante reconhecer que esses personagens desempenham, de fato, um papel relevante na economia local e na recepção dos turistas, o que os coloca como interlocutores legítimos sobre a vivência cotidiana no território. No entanto, a ênfase nas experiências ligadas à atividade turística acaba reforçando uma perspectiva comercial da relação com o parque, deixando de lado outras formas de existência e resistência cultural que também compõem a memória do lugar. Não há, por exemplo, um aprofundamento mais amplo em histórias de moradores que não estão diretamente envolvidos com o turismo, mas que carregam memórias ligadas à terra, ao modo de vida sertanejo ou às transformações provocadas pela criação e regulamentação do parque em suas rotinas.

Essa escolha editorial pode ser compreendida a partir da lógica dos meios de comunicação de massa, que frequentemente priorizam fontes consideradas “com autoridade” ou “credibilidade” para sustentar suas narrativas. No entanto, mesmo quando a população local é incluída nas reportagens, os recortes permanecem restritos a vivências alinhadas aos interesses mais institucionais e mercadológicos. Essa opção contribui para uma construção de memória que de certa forma deixa de lado saberes populares e experiências cotidianas, reforçando uma hierarquia de vozes em que o conhecimento técnico-científico e a experiência empresarial se sobrepõem ao conhecimento que é vivido e presenciado pela comunidade.

Acreditamos que a presença da comunidade na matéria poderia inclusive acrescentar informações que incitariam o turismo, pois veríamos o local pelos olhos de um nativo,

teríamos oportunidade de conhecer extensões do parque e do seu entorno que são, de fato, importantes para as pessoas que ali habitam.

Com uma abordagem centrada em fontes oficiais e oficiosas, aspectos importantes da memória coletiva, especialmente aqueles ligados à vivência dos moradores da região e aos impactos diretos que o parque gera em suas vidas acabam sendo silenciados ou sub-representados nas reportagens. O Jornal da Record, ao destacar majoritariamente figuras institucionais ou especialistas e entre o povo, aqueles vinculados ao setor turístico, contribui para uma construção de memória mais institucionalizada, seletiva e voltada para interesses econômicos.

Essa escolha reduz a diversidade de olhares sobre o PNSC, apagando, ainda que parcialmente, as vozes dos que vivem no entorno e preservam cotidianamente aquele território. Nessa percepção, Le Goff (1990) observa que a memória social se move entre métodos de retração e ampliação, dependendo dos anseios e necessidades históricas. A mídia, ao selecionar quais experiências narrar e quais silenciar, atua diretamente nessa dinâmica, favorecendo o transbordamento de certas memórias enquanto provoca a retração de outras, moldando assim a forma como o passado é recordado pela sociedade.

Já a reportagem do Globo Repórter, intitulada Capadócia Nordestina, adota uma estrutura itinerante que percorre diferentes localidades do Nordeste, concedendo um tempo limitado a cada destino. No caso da Serra da Capivara, a narrativa se organiza em dois momentos distintos: o primeiro voltado à relação entre moradores e a fauna local, e o segundo, que é mais breve, dedicado às pinturas rupestres e ao patrimônio arqueológico, todos na mesma reportagem.

No primeiro bloco, observamos a presença de fontes como um casal de moradores da região, o fotógrafo André Pessoa, a bióloga Milene de Paula Figueira, a veterinária Leane Cruz, entre outros. Essas primeiras pessoas, cujas falas são mais extensas e emocionalmente carregadas, representam o que podemos chamar de memória vivida, que é aquela que parte da experiência cotidiana, afetiva e direta com aquele território. A fala do fotógrafo, por exemplo, quando ele associa os ataques das onças a um desequilíbrio ecológico, introduz uma crítica sutil à degradação ambiental, enquanto os moradores, embora vítimas das ações dos felinos com os seus animais de criação, reforçam a necessidade de convivência respeitosa com a natureza e a importância da preservação, para evitar a extinção desses seres. Essas vozes compõem uma memória que valoriza a dimensão ambiental do parque, por meio de uma perspectiva experiencial.

Por outro lado, a memória científica representada pelas arqueólogas Niède Guidon e Gisele Dautrine Felice, além de representantes do ICMBio surge de maneira pontual e protocolar, com pouco espaço para desenvolver o valor histórico e simbólico do parque como patrimônio da humanidade. Tal escolha editorial revela uma hierarquização das vozes: aquelas que evocam o cotidiano e os vínculos afetivos ganham centralidade, enquanto as fontes institucionais e acadêmicas, detentoras de um saber técnico e especializado, são deixadas um pouco de lado no discurso, ocorrendo de forma contrária ao que aconteceu nas reportagens do Jornal da Record e oferecendo oportunidade para que as memórias do parque sejam também contadas por outros senhores da memória, uma vez que não é raro encontrarmos matérias que falem sobre o parque e tragam falas da arqueóloga Niède Guidon e de representantes do estado.

No que diz respeito ao Globo Repórter, essa escolha da narrativa pode ser vista como uma tática intencional da emissora para atrair a atenção e gerar empatia e conexão com o público. Ao enfatizar relatos de indivíduos comuns, que residem na área e têm laços emocionais com o local, o programa cria uma ligação afetiva imediata com os espectadores. Torna-se até mesmo uma estratégia de economia da atenção. A presença de autoridades científicas não é totalmente inexistente, mas aparece em segundo plano, atuando como um suporte à narrativa principal já estabelecida. Essa abordagem de humanização do conteúdo ajuda a tornar a história mais acessível e cativante, enquanto move o foco da institucionalização do discurso para as experiências cotidianas, ressignificando o Parque Nacional Serra da Capivara não apenas como um patrimônio histórico, mas como um espaço de vida e memória coletiva.

Esse contraste na reportagem, pode ser notado de acordo com a fala de Pollak (1989), ao afirmar que a memória coletiva é marcada por processos de seleção e silenciamento, nos quais determinadas vozes têm mais importância enquanto outras são abafadas. A mídia, nesse contexto, atua como um filtro que legitima certas narrativas em detrimento de outras. Assim, ao dar ênfase a certos personagens e relatos em detrimento de outros, o Globo Repórter contribui para moldar a forma como o telespectador memoriza o parque, pois segundo Halbwachs (2006), muitas das influências sociais que moldam nossas lembranças passam despercebidas, porque estamos tão acostumados com elas que acabamos tendo a impressão de estar pensando livremente. Entendemos que no jornalismo é impossível trabalhar sem estes processos de seleção e acreditamos que eles perpassam critérios de natureza pessoal, organizacional, mercadológica e outros. Desse modo, não é nosso interesse criminalizar a

seleção, mas sim analisar como a mesma é feita, uma vez que pode interferir na memória coletiva.

Posto isso, compreendemos que, assim como o jornalismo, nossa memória é construída dentro de grupos sociais, que oferecem referências sobre o que deve ser lembrado ou esquecido. Nesse sentido, os senhores da memória escolhidos exercem grande influência sobre como o público percebe os fatos, direcionando a construção da memória coletiva. A abordagem adotada pela reportagem, ao reduzir o foco no aspecto arqueológico tradicionalmente central nas representações sobre a Serra da Capivara e priorizar narrativas de convivência e biodiversidade, indica uma mudança no enquadramento simbólico do parque: de lugar da ciência e da ancestralidade para território de vida cotidiana, o que é algo corajoso, tendo em vista que a maioria das reportagens não enfatiza muito essas questões.

Valorizamos essa escolha narrativa, pois a humanização permite que o público se reconheça nas telas, gerando identificação e conexão afetiva com o tema apresentado. Contudo, para que a reportagem alcançasse uma abordagem mais completa, seria necessário aprofundar o teor histórico e científico do parque, especialmente no que diz respeito ao seu valor como patrimônio cultural da humanidade. Ainda assim, consideramos que a reportagem foi bem-sucedida em sua proposta, por tornar o conteúdo mais acessível e emocionalmente significativo ao espectador.

4.2 Parque Nacional Serra da Capivara na tela

Esta categoria se propõe a refletir sobre o tempo de exibição que foi destinado pelos telejornais à representação do Parque Nacional Serra da Capivara (PNSC), considerando desde sua dimensão histórica até os aspectos socioculturais dos moradores que vivem em seu entorno. A análise parte do entendimento de que o tempo dedicado a um determinado tema em um telejornal não apenas reflete critérios editoriais, mas também revela o grau de importância atribuído a ele no contexto da programação jornalística televisiva.

Segundo informações disponibilizadas no site oficial da Record (record.r7.com), o Jornal da Record possui, em média, 1 hora e 5 minutos de duração, com exibição das 19h55 às 21h00. A série especial “Série JR” dedicou cinco episódios ao Parque Nacional Serra da Capivara, com os seguintes tempos individuais: 7 minutos e 27 segundos (veiculado no dia 13 de fevereiro de 2023); 7 minutos e 55 segundos (veiculado em 14 de fevereiro de 2023); 7 minutos e 6 segundos (veiculado em 15 de fevereiro de 2023); 7 minutos e 12 segundos (veiculado no dia 16 de fevereiro de 2023); e 5 minutos e 4 segundos (veiculado no dia 17 de

fevereiro de 2023) . Esses episódios foram veiculados em dias distintos, o que evidencia uma tentativa de construir uma narrativa contínua sobre o parque.

Ao analisar os dados, observamos que, embora a série tenha reservado uma faixa específica dentro do telejornal para tratar do Parque Nacional Serra da Capivara (PNSC), o tempo total destinado ao tema pode, à primeira vista, parecer modesto para alguns telespectadores diante da complexidade e da riqueza histórica, cultural, arqueológica e ambiental que o parque representa. Cada episódio dedicou entre 5 e 8 minutos ao tema, o que corresponde a cerca de 7% a 12% da duração total do Jornal da Record, considerando sua média de mais de uma hora de exibição diária. No entanto, é fundamental ponderar essa percepção levando em conta o funcionamento do telejornalismo. Em um meio onde o tempo de exibição é escasso e a concorrência por espaço entre diferentes pautas é intensa, uma matéria com essa duração é, de fato, significativa. No campo jornalístico, matérias que ultrapassam dois ou três minutos já são consideradas extensas, especialmente em noticiários formais como é o caso do Jornal da Record. Assim, embora a cobertura do PNSC ainda possa ser vista como escassa na agenda jornalística da emissora, o tempo de tela reservado à série pode também ser interpretado como um indicativo de esforço editorial em dar visibilidade ao tema dentro das limitações e lógicas do telejornalismo.

É importante reconhecer que a organização de um telejornal envolve uma seleção criteriosa de notícias, pautada por fatores como atualidade, interesse público, urgência e impacto social. Dado o caráter especial da série, teria sido possível, por exemplo, ampliar o número de episódios dedicados ao tema, diversificando os enfoques abordados e incluindo aspectos como as políticas públicas de preservação, os desafios enfrentados pela equipe do parque, os impactos sociais nas comunidades locais, além de uma contextualização mais ampla sobre o valor simbólico e patrimonial do local para a história do Brasil e da humanidade.

Também não houve tempo suficiente para discutir com mais calma questões como o pouco reconhecimento do parque em nível nacional e a carência de investimentos por parte do poder público. Estes pontos, que são fundamentais para entender a realidade do PNSC, acabaram ficando em segundo plano. Assim, mesmo sendo uma iniciativa positiva, a cobertura acabou priorizando uma apresentação mais geral e descritiva, sem entrar com profundidade nos problemas e nas dificuldades que envolvem a conservação desse patrimônio tão importante para a história do Brasil, essas questões teriam trazido mais riqueza para as reportagens produzidas dentro da Série JR.

Além disso, é importante compreender que o jornalismo televisivo não apenas informa, mas também atua como um mediador simbólico da memória social. De acordo com Pollak (1989), as memórias coletivas passam, cada vez mais, pelos meios de comunicação de massa, que oferecem ao público imagens, narrativas e referências que influenciam diretamente o que é preservado na memória da sociedade. Ao decidir quais conteúdos serão exibidos, quanto tempo terão e de que forma serão apresentados, os telejornais não apenas reportam fatos, mas também participam ativamente da construção do que será lembrado ou esquecido por uma sociedade.

Nesse sentido, o tempo de tela concedido ao Parque Nacional Serra da Capivara na série especial do Jornal da Record não é apenas uma questão de organização editorial, mas também uma escolha que interfere na permanência ou fragilidade dessa memória no imaginário coletivo. Quanto maior o espaço dado a um tema, maior a sua chance de ser fixado como parte significativa da identidade social compartilhada. Por outro lado, quando o tratamento é breve e superficial, mesmo em pautas de valor histórico e cultural, como é o caso do PNSC, corre-se o risco de que esse patrimônio continue sendo invisível para grande parte da população, reforçando um ciclo de esquecimento e desvalorização, sobretudo em relação a territórios e memórias situados fora dos grandes centros urbanos.

Já o programa Globo Repórter, que exibiu a reportagem no site com o título Capadócia Nordeste, destinou 13 minutos e 7 segundos da sua duração total de 41 minutos ao Parque Nacional Serra da Capivara. O tempo foi dividido entre dois blocos: 8 minutos e 53 segundos na parte inicial e os 4 minutos e 14 segundos finais. É importante destacar que a proposta do programa não foi apresentar exclusivamente o PNSC, mas uma seleção de diferentes locais preservados no Nordeste brasileiro, buscando mostrar a diversidade da região por meio da história, da cultura, da fauna e da flora presentes em variados pontos do território nordestino.

No entanto, essa opção de juntar vários lugares em um único episódio pode ter comprometido a profundidade da abordagem de cada um deles. Em vez de dedicar um programa inteiro para apresentar de forma detalhada o Parque Nacional Serra da Capivara, uma vez que o Globo Repórter possui um maior tempo de tela e pode se construir de forma monotemática, a emissora optou por incluir o local em um conjunto de destinos, o que fez com que ele fosse retratado de maneira breve. Apesar do seu imenso valor histórico, científico e simbólico, o parque aparece como apenas mais um entre vários pontos turísticos, sem um aprofundamento que corresponda à sua importância. Mesmo com belas imagens e informações relevantes, o resultado final acaba transmitindo uma sensação de superficialidade.

Essa escolha editorial pode ser entendida como um tipo de silenciamento simbólico. Segundo Pollak (1989), o esquecimento também pode ocorrer de forma sutil, quando determinados temas são abordados de maneira apressada ou com pouco destaque, o que pode reforçar a ideia de que não são tão relevantes quanto outros. No caso do PNSC, isso significa deixar de lado elementos fundamentais da sua história, como a importância das pinturas rupestres, as pesquisas arqueológicas de décadas, e o papel do parque na preservação da memória dos primeiros habitantes do continente. Tudo isso poderia ser mais bem explorado se houvesse mais tempo de tela e uma atenção mais cuidadosa por parte da produção jornalística. Entendemos que dentro da grade de reportagem da Globo o programa Globo Repórter é o que possui mais tempo de tela para grandes reportagens. O tempo e o espaço poderiam ser mais otimizados.

A televisão tem um poder significativo na formação do imaginário coletivo, especialmente por alcançar um público amplo e diversificado. Quando um local como o Parque Nacional Serra da Capivara aparece de forma breve em um programa de grande audiência, como o Globo Repórter, isso contribui para que sua imagem permaneça distante do cotidiano da maioria das pessoas. A falta de aprofundamento não apenas dificulta a compreensão da riqueza do local, como também enfraquece sua presença na memória social. Com isso, reforça-se um ciclo de invisibilidade que já é comum a muitos patrimônios históricos e culturais fora dos grandes centros urbanos.

Portanto, ao analisar o tempo de tela concedido ao parque tanto no Jornal da Record quanto no Globo Repórter, é possível perceber que, embora haja uma intenção de valorização do patrimônio, ainda prevalece uma lógica que favorece conteúdos rápidos, visuais e pouco reflexivos. Essa abordagem tende a tratar com superficialidade lugares que exigem maior contextualização histórica e cultural. Assim, o jornalismo, ao escolher como e por quanto tempo apresentar um tema, participa ativamente da construção ou da fragilização da memória construída sobre ele.

4.3 A pinça do telejornalismo

Nesta última categoria intitulada a pinça do telejornalismo, nos debruçamos sobre o processo de curadoria jornalística operado pelos programas Jornal da Record e Globo Repórter, observando como esses telejornais atuaram como verdadeiras “pinças” na seleção e ênfase de determinados aspectos do Parque Nacional Serra da Capivara. O termo “pinça” aqui alude à maneira seletiva e estratégica com que os programas destacaram certos elementos,

silenciando outros e como essas escolhas impactam diretamente na construção da memória coletiva sobre o local.

No caso da série veiculada pelo Jornal da Record, nota-se um esforço em apresentar o PNSC como um tesouro ainda escondido, cuja importância é reconhecida por poucos e cuja preservação se encontra ameaçada. No entanto, a narrativa construída, frequentemente, recorre à emoção e à grandiosidade visual, enquanto elementos estruturais do problema como o abandono estatal crônico ou as dificuldades de acesso para a população local são apenas tangenciados. A ênfase recai em figuras como Niéde Guidon, que foi quem iniciou as pesquisas dentro do parque, reforçando um viés individualizado da história, que pode ofuscar a multiplicidade de agentes envolvidos na preservação do território. Ao mesmo tempo, observa-se uma limitação quanto à presença de vozes locais diversas, como moradores da região ou lideranças comunitárias, o que contribui para uma visão mais “turística” e menos enraizada da realidade vivida por quem habita o entorno do parque.

Já o Globo Repórter opta por um recorte mais contemplativo e sensorial, construindo uma narrativa que exalta a beleza natural, a fauna e as vivências ocultas no interior do parque, ressaltando o potencial turístico da “Capadócia nordestina”. A reportagem oferece uma imersão visual e afetiva, mas, assim como a série da Record, também opera sua própria pinça: a cobertura prioriza a estética em detrimento da denúncia. Pouco se fala dos entraves econômicos enfrentados pela FUMDHAM ou da exclusão vivida por parte da população local, que, como discutimos anteriormente, muitas vezes não tem acesso ao próprio patrimônio. Há, assim, uma escolha editorial clara por um discurso que valoriza o parque enquanto bem universal, mas que dilui tensões sociais e políticas locais.

Essa prática seletiva do telejornalismo evidencia um dos principais desafios da memória mediada: aquilo que é omitido ou sub-representado tende a ser esquecido. Como nos lembra Le Goff (1990), os mesmos que são senhores da memória também o são do esquecimento. Ao pinçar determinados elementos e negligenciar outros, os telejornais analisados produzem uma memória parcial, que pode ser compreendida como uma memória de vitrine atraente e educativa, mas que não necessariamente abarca as camadas mais complexas da realidade social e política da região.

A função didática do telejornalismo, como destaca Vizeu (2009), não está apenas em organizar o mundo de forma inteligível, mas também em dar visibilidade a vozes silenciadas e a realidades múltiplas. Quando os programas deixam de incluir essas perspectivas, mesmo de maneira não intencional, reforçam uma construção de memória seletiva e desigual. Essa

curadoria editorial, portanto, não apenas informa, mas também forma o olhar do público sobre o que é relevante, digno de ser lembrado e, conseqüentemente, preservado.

Outro ponto que merece destaque é a quantidade de fontes mobilizadas para retratar o Parque Nacional Serra da Capivara: 20 no Jornal da Record e 8 no Globo Repórter. No campo jornalístico, é amplamente reconhecido que a diversidade de vozes em uma reportagem é um fator essencial para garantir profundidade, pluralidade e legitimidade à narrativa construída. Embora ambos os programas tenham apresentado limitações na seleção de suas fontes, o número expressivo de entrevistados chama a atenção e merece ser valorizado.

Cada fonte convocada, à sua maneira, contribuiu para dar forma a diferentes aspectos do PNSC, seja sob a ótica científica, ambiental, afetiva ou cotidiana. Ainda que as escolhas não contemplem integralmente todas as experiências possíveis, é importante reconhecer que as reportagens buscaram, dentro de suas propostas narrativas, construir um retrato do parque que dialogasse com sua essência multifacetada. Deste modo, a diversidade de fontes, mesmo com suas limitações, enriquece o conteúdo apresentado e fortalece o papel do telejornalismo como mediador da memória e da identidade cultural.

Entendemos que tanto Globo Repórter quanto Jornal da Record, ao realizarem suas coberturas sobre a Serra da Capivara, atuaram como agentes centrais na construção da memória coletiva sobre o local. Contudo, essa atuação se deu através de escolhas narrativas que, ao enfatizar determinadas imagens e discursos, contribuíram tanto para visibilizar quanto para invisibilizar aspectos fundamentais do território. Essa “pinça” do telejornalismo, portanto, deve ser constantemente problematizada, sobretudo quando está em jogo a memória de um patrimônio que é, ao mesmo tempo, nacional, local e ancestral.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho partiu da inquietação em compreender de que forma o Parque Nacional Serra da Capivara é lembrado por meio de memórias construídas por narrativas telejornalísticas. Situado no sertão piauiense e reconhecido mundialmente por abrigar um dos mais importantes acervos de pinturas rupestres do planeta, o parque ocupa uma posição central tanto na história da humanidade quanto na identidade cultural da região. No entanto, sua relevância não é sentida da mesma forma por todos: muitos moradores do entorno sequer tiveram a oportunidade de visitar o local, o que reforça a ideia de que a memória sobre o parque, para muitos, é construída à distância e, muitas vezes, por meio da mídia.

Nesse contexto, o telejornalismo surge como um agente fundamental na construção da memória coletiva, pois é através das reportagens veiculadas por grandes emissoras que a maior parte da população brasileira conhece ou reconhece espaços como a Serra da Capivara. O telejornal, ao selecionar quais temas abordar, quais vozes incluir e quais imagens destacar, cumpre um papel de curadoria da memória social, atuando como um “lugar de memória”, conforme propõe Nora (1993). Deste modo, as representações mediáticas têm o poder de fixar certos significados, reforçar pertencimentos e até mesmo provocar esquecimentos. A mídia, portanto, não apenas relata os fatos: ela participa ativamente da construção daquilo que será lembrado pela sociedade.

Com base nessa compreensão, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar como os programas Jornal da Record e Globo Repórter contribuem para a construção de memórias do Parque Nacional Serra da Capivara. Para isso, partiu-se de uma abordagem qualitativa, utilizando a análise de conteúdo categorial proposta por Bardin (2016), que permitiu observar não apenas o que foi dito nas reportagens, mas também como foi dito, por quem foi dito e o que foi deixado de fora.

A pesquisa também foi guiada por três objetivos específicos, cada um deles operacionalizado a partir de uma categoria de análise distinta, conforme segue: investigar quais "senhores de memória" são convocados nas reportagens para tratar sobre o Parque Nacional Serra da Capivara; Esse objetivo foi desenvolvido por meio da categoria 1: “Senhores de memória”, na qual buscamos compreender quem são as vozes legitimadas a contar a história do parque nos programas analisados. Na categoria, identificamos que o Jornal da Record priorizou autoridades institucionais e especialistas como arqueólogos, chefes

do IPHAN e empresários do turismo, o que revela uma narrativa mais institucionalizada. Já o Globo Repórter adotou uma abordagem mais sensível e emocional, dando maior protagonismo a moradores locais, biólogos e fotógrafos da fauna, construindo uma memória mais afetiva e cotidiana. A pesquisa revelou uma hierarquização de discursos: enquanto a Record institucionaliza o saber, o Globo Repórter busca humanizá-lo. Isso reforça como diferentes escolhas de fontes influenciam diretamente na memória construída sobre o parque.

Analisar o tempo de tela dedicado às reportagens em relação à duração total dos telejornais, como indicador da relevância atribuída ao tema foi investigado na categoria 2: “Parque Nacional Serra da Capivara na tela”, que se concentrou na visibilidade e no tempo de exibição destinado ao parque. A série especial do Jornal da Record apresentou cinco episódios com média de 6 a 8 minutos cada, demonstrando uma tentativa de aprofundamento narrativo. Já o Globo Repórter, embora dedique menor tempo, optou por uma linguagem mais sensorial e emocional. A análise sugere que, mesmo com durações diferentes, ambas as abordagens contribuem para dar visibilidade ao tema, cada uma ao seu modo. Contudo, para além do tempo de tela entendemos a importância de dar visibilidade a temas e sujeitos outrora marginalizados.

Examinar o papel das abordagens jornalísticas na formação de opiniões e atitudes em relação à Serra da Capivara e à região circundante foi nosso objetivo atendido na categoria 3: “A Pinça do Telejornalismo”, que refletiu sobre os recortes realizados pelos programas, ou seja, o que foi destacado, silenciado ou omitido nas narrativas. Observamos que, enquanto a Record enfatiza o potencial turístico e científico, o Globo Repórter oferece ao público uma experiência mais emocional, exaltando a fauna e a convivência dos moradores com o parque. Ambas as escolhas têm efeitos na forma como o público enxerga o local — ora como patrimônio científico, ora como espaço de vida cotidiana e biodiversidade.

Os resultados obtidos indicam que o telejornalismo desempenha um papel ativo e seletivo na construção da memória coletiva. Ao escolher determinadas fontes, definir ângulos de cobertura e organizar narrativas visuais, os programas analisados contribuem para moldar o imaginário social sobre o Parque Nacional Serra da Capivara. Ainda que ambos tenham mérito ao dar visibilidade ao local, fica evidente que nenhuma narrativa é neutra, toda representação é resultado de escolhas, que revelam intenções, valores e prioridades.

Além disso, a análise revelou uma importante contradição: o parque, embora exaltado nacionalmente como patrimônio da humanidade, ainda permanece inacessível para parte significativa da população local. Esse dado reforça a urgência de políticas públicas que democratizem o acesso a bens culturais e naturais, assegurando que a memória não seja

privilégio de poucos, mas um direito de todos. O jornalismo, como espaço de memória, também tem a responsabilidade de incluir essas vozes ausentes e fomentar debates que ultrapassem a superfície do turismo e da ciência.

Por fim, acredita-se que esta pesquisa contribui não apenas para os estudos sobre comunicação, memória e telejornalismo, mas também para o fortalecimento de uma perspectiva crítica sobre a função social da mídia. Sugerem-se, para pesquisas futuras, a ampliação do corpus de análise para produções midiáticas locais ou independentes, bem como a investigação da recepção dessas narrativas por parte do público, especialmente os moradores da região. Preservar a memória é mais do que lembrar: é reconhecer, representar e dar sentido ao que se foi, ao que é e ao que poderá ser. O jornalismo, quando feito com compromisso ético e responsabilidade social, pode ser um guardião poderoso dessa tarefa.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 70. ed. São Paulo: Alameda Brasil, 2016.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de idéias**. Edipucrs, 2001.
- BUCO, Andrade Cristiane. O caso da Serra da Capivara, vinte anos de socialização do conhecimento através da arte-educação. **Revista Alter Ibi**, v. 1, 2014.
- FERREIRA, Fábio Gonçalves; BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **Os “jornalistas” da “pré-história”: uma análise folkcomunicacional da produção informacional das pinturas rupestres do Parque Nacional da Serra da Capivara**. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, São Bernardo do Campo, n. 15, p. 177 - 191, 2011.
- FERREIRA, Mayara Sousa. **Bloco, caneta e diploma na mão: história dos cursos de jornalismo no Piauí**. 2022.
- FERREIRA, Mayara Sousa. **Memórias da cultura: estratégias e táticas de Revestrés na (re)construção das identidades piauienses**. 2016.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. Editora Atlas, São Paulo, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006
- HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Márcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 123-142.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, Editora da Unicamp. 1990. p. 1-476.
- LUISA, Ingrid. **Museu da Natureza: o mais novo atrativo da Serra da Capivara**. *Superinteressante*, São Paulo. Disponível em: <https://super.abril.c.br/ciencia/musa-da-natureza-o-mais-novo-atrativo-da-serra-da-cap>. Acesso: 22 Nov 2024.
- MENEZES, Regina Tavares. **Memória em papel: o jornalismo popular e a memória coletiva**. 2007.
- MIRANDA, Joaquim Francisco Trigueiro. **Arquitetura, patrimônio e autenticidade: autenticidade na reabilitação do patrimônio histórico**. 2015.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides. **Cidade e memória: “cidades invisíveis”**. Outros Tempos, v. 3, p. 197-209, 2006. Disponível em: www.outrostempos.uema.br. Acesso em: 21 Out 2024.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993.
- PALACIOS, Marcos. Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. **Revista Matrizes**, São Paulo, n. 1, 2010, p. 37-50.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-215.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- RÊGO, Ana Regina. A ditadura militar no jornalismo: uma abordagem a partir do conceito de lugar de memória. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 3, n. 2, 2014. p. 1-12. Disponível: <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.3220144132>. Acesso em: 22 Out 2024.
- SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: Enap, 2021.

VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. **Revista Famecos**, v. 16, n. 40, 2009, p. 77-83.

APÊNDICE A

TABELA DE CODIFICAÇÃO JORNAL DA RECORD - SÉRIE JR

Título	Link	Jornal	Senhor da Memória	Tempo de tela	O que vai ficar na memória?
Ep.01 Série JR	Ep.01	Jornal da Record	Rafael Barbosa (profissional de marketing) Niéde Guidon (arqueóloga) Nivaldo Oliveira(guia aposentado)	7 min 27 s	Essa reportagem reforça na memória coletiva a imagem da Serra da Capivara como um território ainda desconhecido do grande público, apesar de sua imensa riqueza arqueológica. A memória que fica é a de um Brasil originário e negligenciado, que precisa ser visto e valorizado como parte essencial da nossa identidade histórica.
Ep.02 Série JR	Ep.02	Jornal da Record	Angela Fraga (prof.ciências) Edu Coelho (arqueólogo) Niéde Guidon(arqueóloga)	7 min 55 s	O que permanece na memória é a ideia de que conservar o parque não é apenas proteger a história humana, mas também a biodiversidade única de um bioma muitas vezes esquecido.
Ep.03 Série JR	Ep.03	Jornal da Record	Ana Stela de Negreiros (chefe do escritório do IPHAN - SRN) Marian Rodrigues (chefe do parque)	7 min 6 s	Esse episódio fixa na memória coletiva uma visão de futuro para a região, apresentando o turismo como ponte entre a preservação e a geração de renda. O que se constrói aqui é a memória de um território que deseja se progredir por meio de suas raízes, sem abrir mão de sua identidade cultural e ambiental.

Ep.04 Série JR	Ep.04	Jornal da Record	Maristèlia Ferreira(Vigia do parque) Marcileide dos Santos(vigia do parque) Isadora Menezes(ex secretária de turismo de SRN) Raimunda Valdira Mendes(dona de restaurante)	7 min 12 s	A memória que se solidifica é a de um tesouro nordestino com valor universal, cuja preservação é uma responsabilidade coletiva. O reconhecimento da UNESCO aparece como um selo simbólico que legitima a luta histórica por visibilidade e cuidado.
Ep.04 Série JR	Ep.04	Jornal da Record	Valdomir Filho(ex secretário de turismo) Paula Alves (dona de pousada) Girleide Oliveira (coordenadora da oficina) Jéssica Arruda (ceramista)	7 min 12 s	A memória que se solidifica é a de um tesouro nordestino com valor universal, cuja preservação é uma responsabilidade coletiva. O reconhecimento da UNESCO aparece como um selo simbólico que legitima a luta histórica por visibilidade e cuidado.
Ep.05 Série JR	Ep. 05	Jornal da Record	Bruno Freitas(guia) Jennifer Santana (11 anos) Maria Alves Dias (aposentada) Elizabete Bucu (arquiteta do museu da natureza) Rosa Trakalo (coordenadora dos museus)	5 min 41 s	Fica na memória a ideia de um sertão que pode se reinventar sem abrir mão de sua essência. A memória que se constrói é a de um espaço onde passado e futuro dialogam de forma ética e esperançosa.

**TABELA DE CODIFICAÇÃO GLOBO REPÓRTER - CAPADÓCIA
NORDESTINA**

Título	Link	Jornal	Senhor da memória	Tempo de tela	O que vai ficar na memória?
Capadócia Nordestina	<u>Ep. único</u> Primeira Parte	Globo Repórter	André Pessoa (fotógrafo) Paula Alves (dona de restaurante) Leane Cruz (médico veterinário) Milene de Paula Figueira (bióloga) Ana Célia Coelho(coordenad ora do ICMBio) João Leitte (Vigilante nacional da Serra da capivara) Niede Guidon (arqueóloga)	8 min 53 s	Fica na memória a imagem de um território que guarda vestígios dos primeiros habitantes e abriga uma fauna resistente, que ainda luta por sobrevivência. A convivência entre história e natureza reforça a necessidade de respeito e preservação diante das ameaças humanas.
Capadócia Nordestina	<u>Ep. único</u> Segunda Parte	Globo Repórter	Niède Guidon (arqueóloga) Gisele Dautrine Felice (arqueóloga)	4 min 14 s	Fica na memória a imagem de um território ainda pouco explorado, um verdadeiro tesouro arqueológico e natural, onde novos segredos continuam sendo revelados, reforçando sua importância para as gerações atuais.